

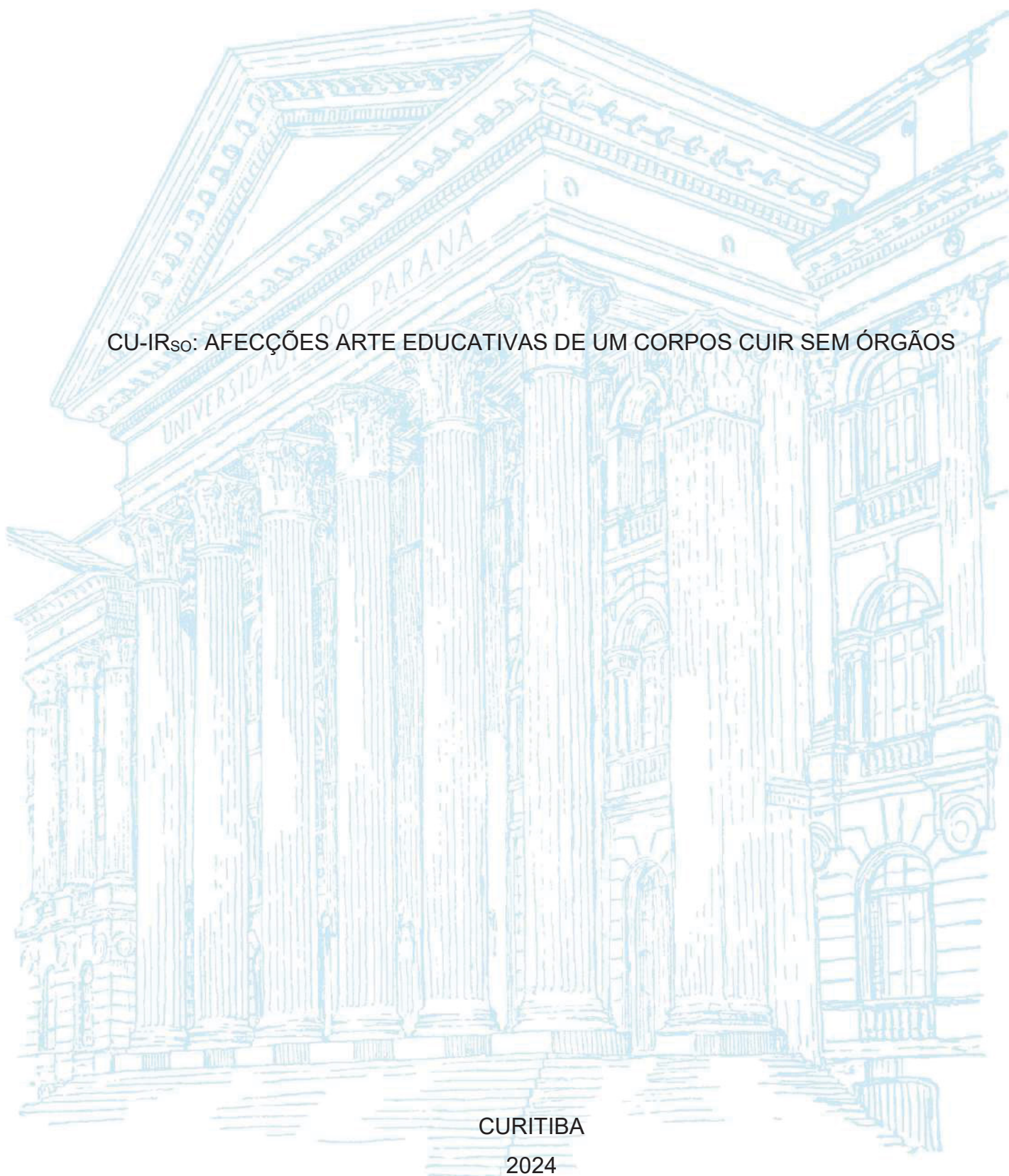
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VIHEN

CU-IR₅₀: AFECÇÕES ARTE EDUCATIVAS DE UM CORPOS CUIR SEM ÓRGÃOS

CURITIBA

2024



VIHEN

CU-IR_{SO}: AFECÇÕES ARTE EDUCATIVAS DE UM CORPOS CUIR SEM ÓRGÃOS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Linha Linguagem, Corpo e Estética na Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Madruga Cunha.

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Nunes, Vihen.

CUIRso : afecções arte educativas de um corpos cuir sem órgãos /
Vihen Nunes – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Pro^{fa} Dr^a Claudia Madruga Cunha

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Arte – Estudo e ensino. I.
Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em
Educação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001PQ

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de VIVEN intitulada: *CUIRao: afecções arte educativas de um corpos cult sem órgãos*, sob orientação da Profa. Dra. CLAUDIA MADRUGA CUNHA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Setembro de 2024.

Assinatura Eletrônica
22/10/2024 13:25:40.0
CLAUDIA MADRUGA CUNHA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
29/10/2024 11:42:37.0
LETÍCIA CAROLINA PEREIRA DO NASCIMENTO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ)

Assinatura Eletrônica
22/10/2024 16:36:58.0
LEOMAR PERUZZO
Avaliador Externo (CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI)

Assinatura Eletrônica
29/10/2024 17:24:34.0
LUANA MARCHIORI VEIGA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

RESUMO

Esta pesquisa busca criar um corpo cuir sem órgãos (cu-ir^{so}) que tangencia processos artísticos e educacionais por afecções no mundo que o cerca. Dessa forma, toma o corpo da pessoa pesquisadora em produção a-generificada como eixo central de onde se desdobram outras linhas conceituais, artísticas, educativas, indagativas, políticas, sociais, culturais, desafiando as formas convencionais que estruturam os gêneros e sexualidades em formatos estritamente binários. O objetivo é sensibilizar para a convergência entre a prática do corpo sem órgãos (cso) e o corpo cuir, translesbixa, trans não-binário que a escreve. Ao discutir como esse corpo dissidente se educa e é educado nos acontecimentos que geram os processos investigados, a escrita se trama através de produções artísticas, poéticas e teórico-textuais como formas de expressão não hierarquizadas. Proponho percursos investigativos, aqui nomeados autocorpografiaimagética, que se constroem pelo agenciamento da cartografia, da pesquisa rizoma, da esquizoanálise e do esquizodrama em um processo aberto e dinâmico que visa a valorização da diversidade e das multiplicidades, escapando das estruturas simplificadas que criamos para facilitar a convivência em sociedade.

Palavras-chave: Cuir. Corpo sem órgãos (cso). Artes Visuais. Educação. Não-binariedade.

ABSTRACT

This research aims to create a cuir (queer) body without organs (cu-ir^{so}) that intersects artistic and educational processes through affections in the surrounding world. In this way, it takes the researcher's body in a gender-neutral production as the central axis from which other conceptual, artistic, educational, inquisitive, political, social, and cultural lines unfold, challenging the conventional forms that structure genders and sexualities into strictly binary formats. The goal is to sensitize to the convergence between the practice of the body without organs (bwo) and the cuir body, translesbixa, trans non-binary that writes it. By discussing how this dissenting body educates and is educated in the events that generate the investigated processes, writing is woven through artistic, poetic, and theoretical-textual productions as non-hierarchical forms of expression. I propose investigative pathways, here named autocorpografiaimagética, which are constructed through the agency of cartography, rhizome research, schizoanalysis, and schizodrama in an open and dynamic process that aims at valuing diversity and multiplicities, escaping from the simplified structures we create to facilitate social coexistence.

Keywords: Cuir. Body without organs (cso). Visual Arts. Education. Non-binariness

SUMÁRIO

AUTOCORPOGRAFIAIMAGÉTICA.....	18
Que desejos precedem esta investigação?.....	27
n-1 pontos de torção.....	30
O QUE PODE (SER) UM CSO?.....	32
ANALIDADES.....	46
Objeto de amor.....	48
POLÍTICAS CADELAS: experimento visual rumo a uma ética de torções.....	58
TORÇÕES IMAGÉTICAS: crônicas de um corpos retorcido.....	86
Crônica de um retorcimento.....	88
Entre o visível e o enunciável.....	92
Fluxos de palavras como fluxos de memória e esquecimento.....	93
DESEDUCAR OS CORPOS PARA EDUCAR A VIDA.....	99
Desatando um nó: prática de docência.....	105
CAMINHOS INCONCLUSIVOS: fragmentos de órgãos.....	116
REFERÊNCIAS.....	120

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CU-IR^{SO}:
afecções arte educativas de um
corpos cuir sem órgãos

VIHEN

VIHEN

CU-IR^{so}: afecções arte educativas de um corpos cuir sem órgãos

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado em Educação, da Universidade Federal do Paraná, UFPR.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Madruga Cunha

CURITIBA
2024

Escrevo esta dissertação a todas as travestis e pessoas trans (femininas, masculinos e não-binários) de ontem, de hoje e de amanhã. Especialmente às que se aventuraram em esferas acadêmica e que TRANSformam o mundo pela arte e pela educação.

torção - isto é uma epígrafe corporal



RESUMO

Esta pesquisa busca criar um corpo cuir sem órgãos (cu-ir^{co}) que tangencia processos artísticos e educacionais por afecções no mundo que o cerca. Dessa forma, toma o corpo da pessoa pesquisadora em produção a-generificada como eixo central de onde se desdobram outras linhas conceituais, artísticas, educativas, indagativas, políticas, sociais, culturais, desafiando as formas convencionais que estruturam os gêneros e sexualidades em formatos estritamente binários. O objetivo é sensibilizar para a convergência entre a prática do corpo sem órgãos (cso) e o corpo cuir, translesbiana, trans não-binário que a escreve. Ao discutir como esse corpo dissidente se educa e é educado nos acontecimentos que geram os processos investigados, a escrita se trama através de produções artísticas, poéticas e teórico-textuais como formas de expressão não hierarquizadas. Proponho percursos investigativos, aqui nomeados autocorpo(a)grafia(m)agética, que se constroem pelo agenciamento da cartografia, da pesquisa rizoma, da esquizoanálise e do esquizodrama em um processo aberto e dinâmico que visa a valorização da diversidade e das multiplicidades, escapando das estruturas simplificadas que criamos para facilitar a convivência em sociedade.

Palavras-chave: Cuir; Corpo sem Órgãos (cso); Artes Visuais; Educação; Não-binariedade.

ABSTRACT

This research aims to create a cuir (queer) body without organs (cu-ir^{co}) that intersects artistic and educational processes through affections in the surrounding world. In this way, it takes the researcher's body in a gender-neutral production as the central axis from which other conceptual, artistic, educational, inquisitive, political, social, and cultural lines unfold, challenging the conventional forms that structure genders and sexualities into strictly binary formats. The goal is to sensitize to the convergence between the practice of the body without organs (bwo) and the cuir body, translesbiana, trans non-binary that writes it. By discussing how this dissenting body educates and is educated in the events that generate the investigated processes, writing is woven through artistic, poetic, and theoretical-textual productions as non-hierarchical forms of expression. I propose investigative pathways, here named autocorpo(a)grafia(m)agética, which are constructed through the agency of cartography, rhizome research, schizoanalysis, and schizodrama in an open and dynamic process that aims at valuing diversity and multiplicities, escaping from the simplified structures we create to facilitate social coexistence.

Keywords: Cuir; Body without Organs (cso); Visual Arts; Education; Non-binariness.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à FAPEMA - Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão que financiou este projeto através do Edital FAPEMA N° 03/2022 - Bolsas de Mestrado no País, à SECTI - Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação do Maranhão e ao Governo do Estado do Maranhão.

Ao PPGE/UFPR - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, em especial à linha de pesquisa LiCorEs - Linguagem, Corpo e Estética na Educação, aqui representada na figura da Prof.^a Dr.^a Claudia Madruga Cunha que topou o desafio dessa orientação rizomática, experimental e caótica em seus fluxos vitais, pelas trocas, discussões, debates, parcerias, orientações e aprendizados, agradeço.

Ao Grupo RIZOMA pelas trocas, estudos e proposições.

Às pessoas da banca que engrandeceram esta investigação com todos os seus apontamentos: Prof.^a Dr.^a Letícia Carolina Pereira do Nascimento, Prof.^a Dr.^a Luana Marchiori Veiga, Prof. Dr. Paulo Reis e Prof. Dr. Leomar Peruzzo.

Aos ancestrais que dão força para continuar: à minha bisavó Lenir Lobato Tavares Vieira, à Maria do Bagaço, Vó Firmina do Congo, Seu Cipriano, Exu Cobra, Marie Laveau, Erzulie Danto, Nerthusan, Seu Tapindaré, à encantaria maranhense e todo o sagrado que me acompanha. À minha irmã de bruxaria e pai de santo, Igor Alexandre (A Bruxa dos Espinhos).

Ao meu esquizoanalista Juscelino Mendes que tanto me ouviu sobre todo o processo de pesquisa, e que tantas ideias trocou sobre perspectivas esquizo, múltiplas e diversas.

A todas as pessoas que contribuíram de alguma forma com este processo, deixo meus agradecimentos: Georgina Silva, Claudio Silva, Diamantina Alencar, Carla Vieira, Ana Helena Adler, Doroti Martz, Lindalva Ferreira da Cruz, Alisson de Almeida, Misa Lima, Malu Martins, Thais Matos, Jessé Cruz, Leomar Peruzzo, Mestre Rato, Liliani Franco, Dani Nery, Aline Di Giuseppe, Flavia Nascimento, Dayana Brunetto, Léo Ribas, Maurício Barbosa, Alessandra Barbosa, Viviane Tavares, Rômulo Rother Gil, Anny Pesuscki, Fábio Silva, Alberto Schmitz, Alisson Gonçalves e tantas outras pessoas extremamente importantes neste percurso.

SIGLAS E ABREVIATIVAS

UFMA - Universidade Federal do Maranhão;

UFPR - Universidade Federal do Paraná;

SEPT/UFPR - Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná;

PPGE/UFPR - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná;

LGBT - Referente ao movimento LGBT (Lésbicas/Gays/Bissexuais/Trans e Travestis);

LGBTIAPN+ - (Lésbicas/Gays/Bissexuais/Trans e Travestis/ Intersexuais/ Assexuais/ Pansexuais/ Não-binários/ outros...) usada aqui em consonância com outros movimentos para além do movimento LGBT como por exemplo as teorias queer/cuir e os transfeminismos. Muitas grafias marcam ainda o Q de queer na sigla, entretanto não o utilizei tanto condizendo com a grafia que escolho para o termo (cuir), quanto levando em conta que ele seria justamente o que quer permanecer mutável e fora das capturas que visam autorizar determinadas perspectivas em detrimento de outras;

CSO - corpo sem órgãos - - Apesar do conceito de Corpo sem Órgãos (CsO) ser grafado em letras maiúsculas pelos autores que as desenvolvem, nessa escrita ele aparece em letras minúsculas (cso), em concordância com as perspectivas das teorias cuir que não almejam centralidade, nem posição de destaque, mas se camuflam e se fazem passar pelo fluxo imagético-textual enquanto fluxo de vida

CORPOS - No decorrer do texto, a palavra corpos é empregada acompanhando o artigo “o” no singular não por um erro gramatical, mas no sentido de presentificar uma multiplicidade de corpos imanes a um corpo singular; coletânea de corporalidades materiais e imateriais. Um corpo físico permeado de outros inúmeros corpos (social, astral, político, incorpóreo, etc.)

INVENTÁRIO DE CONCEITOS

AFEÇÃO/AFFECTO/AFETAMENTO

O conceito de afecção/afeito que Deleuze e Guattari (2017) adotam de Espinosa se refere a uma força imanente que atravessa os corpos e conecta-os ao mundo. Esta noção desafia a dicotomia sujeito-objeto, enfatizando a imanência das afecções na constituição dos corpos e subjetividades. As afecções são entendidas como potências de produção e resistência que operam em uma esfera pré-individual e pré-discursiva, influenciando as relações sociais, políticas e econômicas. A afirmação da imanência das afecções abre caminho para uma política que busca liberar potencialidades latentes nos agenciamentos sociais e produzir novas formas de vida que escapem à lógica dominante do capitalismo.

(PACTO DE) BRANQUITUDE

Proposto por Cida Bento (2022), refere-se a um acordo tácito entre pessoas brancas para manterem e reproduzirem seus privilégios raciais em detrimento das pessoas não brancas. Esse pacto implica na naturalização da superioridade branca e na negação das desigualdades raciais, perpetuando assim o racismo estrutural. O Pacto de Branquitude não é apenas uma questão individual, mas sim uma construção social e histórica que permeia instituições, políticas públicas e relações interpessoais. Enfrentar e desmantelar esse pacto requer um compromisso coletivo em reconhecer, confrontar e desfazer as estruturas e práticas que perpetuam a supremacia branca.

CARTOGRAFIA

O conceito de cartografia em Deleuze e Guattari (2011) vai além da noção tradicional de mapeamento geográfico para se tornar uma ferramenta filosófica e política de análise e transformação dos territórios existenciais, sociais e mentais. Em vez de representar um território fixo e estático, a cartografia deleuziana-guattariana é um processo dinâmico de exploração, que visa capturar as multiplicidades e as linhas de fuga que permeiam as relações de poder, os agenciamentos sociais e os fluxos de desejo. É uma prática que busca criar mapas experimentais, abertos às variações, às intensidades e às rupturas, permitindo assim a reconfiguração das paisagens cognitivas e sociais, e a subversão das hierarquias e das normatividades dominantes.

CORPO SEM ÓRGÃOS (CSO)

O conceito de Corpo sem Órgãos (CSO) emprestado por Deleuze e Guattari (2012) de Antonin Artaud representa uma abordagem radical para desmontar as estruturas normativas e hierárquicas do corpo e da sociedade. O cso é concebido como um corpo pré-individual, uma

superfície de intensidades e fluxos, desprovido de funções orgânicas fixas e predefinidas. Em vez de uma entidade estável e hierárquica, o cso é um campo de experimentação e devir, aberto a uma multiplicidade de conexões e potencialidades que buscam liberar o corpo das limitações impostas pelas normas sociais e pelas estruturas de poder, permitindo assim a emergência de novas formas de subjetividade e de vida coletiva.

CUIR/ QUEER

A teoria cuir é uma abordagem crítica e subversiva que questiona e desafia as normas de gênero, sexualidade e identidade. Ao grafar “cuir” ao invés de “queer”, busco incorporar uma sensibilidade cultural e política latino-americana. O termo cuir tem suas raízes na contracultura LGBTIAPN+ e carrega uma conotação de resistência e de afirmação de identidade fora das normas dominantes, também busca descentralizar a hegemonia anglo-americana nas discussões sobre diversidade sexual e de gênero, ampliando o alcance e a representatividade da teoria, e destacando a fluidez, a ambiguidade e a multiplicidade de expressões de gêneros e sexualidades. Nas américas, a teoria cuir não possui uma autoria singular, uma vez que é um campo de estudos e uma abordagem teórica que envolve uma diversidade de vozes e perspectivas. No entanto, há várias autoras que contribuíram significativamente para o seu desenvolvimento, como Néstor Perlongher, poeta e ativista argentino que cunhou o termo “cuir” como uma alternativa ao termo “queer” na América Latina; Sayak Valencia; Juana María Rodríguez; María Lugones; Larissa Pelúcio; Amara Moirai; Jaqueline Gomes de Jesus; entre outras/es/os.

DEVIR/ VIR A SER

Trata-se de um processo dinâmico de transformação e devenir. É a ideia de que tudo está em constante movimento, em um estado de fluxo e mutação contínuos. O devir é caracterizado pela imprevisibilidade e pela multiplicidade de possibilidades, sem uma essência fixa ou destino predeterminado. Para Deleuze e Guattari (2011), o devir é um processo de experimentação e criação, onde os indivíduos e os agenciamentos sociais estão constantemente se tornando algo diferente do que eram antes. Ele implica uma abertura para o novo, para o outro e para o desconhecido, desafiando as noções estáticas de identidade e de realidade.

ESQUIZOANÁLISE

A esquizoanálise em Deleuze e Guattari (2010) é uma perspectiva teórica que vai além dos limites da psicanálise tradicional ao buscar compreender as estruturas sociais e políticas que influenciam a subjetividade humana. Em vez de se concentrar apenas na análise individual do inconsciente, a esquizoanálise mapeia os agenciamentos coletivos, os fluxos de desejo e as linhas de fuga presentes na sociedade. Ela questiona as concepções convencionais de

identidade e sujeito, favorecendo a ideia de devir e multiplicidade. Ao explorar esses aspectos, a esquizoanálise busca desencadear potencialidades criativas e subversivas no inconsciente coletivo, abrindo espaço para novas formas de subjetividade e transformação social.

ESQUIZODRAMA

Pensado por Gregório Paremblitt (2013), é uma prática terapêutica baseada nos princípios da esquizoanálise de Deleuze e Guattari (2010). Essa abordagem visa proporcionar um espaço de experimentação e criação onde os participantes podem explorar suas subjetividades de forma não-linear e não-hierárquica. Por meio de técnicas como a improvisação e a expressão corporal, o Esquizodrama busca desbloquear as narrativas fixas e estereotipadas, permitindo que os indivíduos recriem suas identidades e relações de maneira mais fluida e autêntica. O objetivo é estimular a expressão de desejos reprimidos e a ressignificação de experiências traumáticas, promovendo assim um processo de autoconhecimento e transformação.

NECROPOLÍTICA

Cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) em seu livro homônimo, o termo necropolítica se refere a uma forma de poder que se baseia no controle da vida e da morte das populações, poder de decidir quem vive e quem morre, quais vidas são consideradas dignas de proteção e quais são descartáveis, manifestando-se através de ações que podem incluir o extermínio sistemático de grupos marginalizados, a violência estrutural, a exploração econômica desenfreada e a imposição de condições de vida precárias. A necropolítica vai além da biopolítica foucaultiana, que se refere ao controle dos corpos e da vida por meio de práticas disciplinares e regulatórias.

OUTREMIZAÇÃO

O conceito de “outremização” de Toni Morrison (2017) refere-se ao processo pelo qual indivíduos são desumanizados e tratados como “outros”, alheios ao grupo dominante, geralmente com base em características raciais, étnicas ou sociais. Morrison explora como essa desumanização é utilizada como uma ferramenta de poder para perpetuar sistemas de opressão, marginalização e exploração. Ao destacar a outremização, Morrison chama a atenção para as consequências profundas da discriminação e da injustiça social, convidando à reflexão sobre a necessidade de reconhecer a humanidade compartilhada de todos os indivíduos e de combater ativamente a marginalização e a exclusão.

RIZOMA

Para Deleuze e Guattari (2011), representa uma estrutura não-hierárquica e não-linear que

desafia as formas convencionais de organização. Em contraste com a lógica arborescente, que se baseia em uma estrutura hierárquica com um centro e ramificações, o rizoma é caracterizado pela multiplicidade de conexões horizontais, sem um ponto central. Ele é um sistema aberto, fluido e em constante mutação, onde qualquer ponto pode se conectar a qualquer outro, favorecendo a descentralização, a diversidade e a multiplicidade de perspectivas e permitindo a emergência de novas formas de conhecimento, subjetividade e resistência.

A-SIGNIFICÂNCIA

Noção deleuze-guattariana (2010) que implica na ausência de significado fixo e estável em determinados elementos da realidade. Eles desafiam a ideia de que tudo deve ser interpretado e compreendido dentro de sistemas de significado preestabelecidos. Em vez disso, defendem a abertura para a multiplicidade de sentidos e a possibilidade de novas conexões e associações que escapam à lógica da representação tradicional. A a-significância destaca a complexidade e a fluidez da experiência humana, convidando à exploração de territórios desconhecidos e à produção de novas formas de compreensão e expressão. No decorrer desta escrita aparece uma problemática: até que ponto a a-significância se aplica a experiências trans e travestis visto que esses corpos pouco ou nada significam socialmente e até em termos da humanidade que lhes é negada? Assim, delimito o paradoxo de uma produção significada e a-significante a medida que é atribuído o devido sentido à existências trans e travestis e que elas não necessitam de tradução/interpretação para uma lógica ciscentrada.

MULTIPLICIDADES

Ideia de que a realidade é composta por uma infinidade de elementos heterogêneos e em constante fluxo, em vez de entidades unitárias e estáveis. Essas multiplicidades são formadas por uma diversidade de componentes que se relacionam de maneiras complexas e imprevisíveis, gerando novas formas de organização e expressão. Deleuze e Guattari (2010) destacam a importância de mapear e explorar essas multiplicidades para compreender a natureza não linear e dinâmica do mundo.

LISTA DE PROCEDIMENTOS CONCEITUAIS, ESTÉTICAS E PRÁTICAS

AUTOCORPOGRAFIAMAGÉTICA p. 18

que desejos precedem esta investigação? p. 27

poéticas transitantes: prints do google maps e intervenções poéticas e visuais p. 22-25

Dois corpos toróides em fluxo imanente - Materiais: Pneus de carro desgastados
- Pelo orifício de abertura entram e/ou saem os conceitos? p. 29

n-1 pontos de torção p. 30-31

Um aglomerado de ossos disformes/ Um aglomerado sob descontrolo. Experimentos digitais
diálogos entre rabiscos pessoais e inteligência artificial. p. 37

O QUE PODE (SER) UM CSO? p. 32

Três inconformidades - estrutural, muscular e molecular. Experimentos digitais diálogos entre rabiscos pessoais e inteligência artificial. p. 38-39

Esboços em tela da obra “máquina de processamento de fluxos” (50 x 100 cm). p. 40-41

Fragmentos do processo de pintura da obra “máquina de processamento de fluxos”. Óleo sobre tela (tam. 50 x 100 cm). p. 42-43

Processo de pintura da obra “máquina de processamento de fluxos”. Óleo sobre tela (tam. 50 x 100 cm). p. 44

ANALIDADES p. 46

objeto de amor p.48

Recorte digital da obra “dois toros”. p. 47

Fotoperformance “amai-vos uns aos cus dos outros como amas ao teu próprio”. n° 1 - Arquivo digital. p. 48-49

Fotoperformance “amai-vos uns aos cus dos outros como amas ao teu próprio”. n° 2 - Arquivo digital. p. 51

Processo de produção da obra “dois toros”. Giz colorido de quadro, folha de ouro e carvão vegetal sobre tecido. Tam.: 153 x 74 cm, 2023. p. 54

Processo de produção da obra “dois toros”. Giz colorido de quadro,acrílico, folha de ouro e carvão vegetal sobre tecido. Tam.: 153 x 74 cm, 2023. p. 57

POLÍTICAS CADELAS: experimento visual rumo a uma ética de torções p. 58

Fotografia nº1 da fotoperformance seriada “Políticas Cadelas”. Arquivos digitais. p. 58-59

Processo de produção da obra “Cerberus”. Giz colorido de quadro sobre tecido. Tam.: 71 x 156 cm. 62-63

Fotografia nº2 da fotoperformance seriada “Políticas Cadelas”. Arquivos digitais. p. 66-67

Montagem de fotografia nº3 da fotoperformance seriada “Políticas Cadelas”. Arquivos digitais. p. 72-73

Processo de produção da obra “Cerberus”. Giz colorido de quadro e acrílica sobre tecido. Tam.: 71 x 156 cm. p. 76-77

TORÇÕES IMAGÉTICAS: crônicas de um corpos retorcido p. 86

entre o visível e o enunciável... p. 92

fluxos de palavras como fluxos de memória e esquecimento p. 93

Pensamentos anotados em junho de 2022. p. 96

Translêxia não-binária comunicando os priórdios de sua pesquisa. p. 96-97

Processo de produção da obra “torções”, óleo sobre placa de acrílico, tam.: 24,5 x 75 cm, 2022. p. 97

desatando um nó: prática de docência p. 105

Rabiscos pessoais, projeção de obras e poéticas. p. 109

Fotografias da Transvivência em Conversações 2 - Quimeras: autcoreografias em um corpos de gênero rasurado, com Lui Martins (PR), dez. 2022. p. 111

Corpos enclausurado que surge na Transvivência em Conversações 3 - práticas de afecções e ruídos: corpos e espaço em movimento com Vihen (MA). p.113

Corpos em equilíbrio precário que surge na Transvivência em Conversações 3 - práticas de afecções e ruídos: corpos e espaço em movimento com Vihen (MA). p. 113

Produções visuais resultantes da Transvivência em Conversações 1 com Misa Lima e Vihen, dez. 2022. p. 114-115

Recortes digitais da fotografia nº4 da fotoperformance seriada “Políticas Cadelas”. Arquivos digitais. p. 60-61

Recorte digital de fotografia de uma perna ensanguentada mordida por cachorros. p. 65

Recorte digital da fotografia nº4 da fotoperformance seriada “Políticas Cadelas”. Arquivos digitais. p. 68

Esboços de um devir-animal. p. 75

Fotografias nº4 e nº5 da fotoperformance seriada “Políticas Cadelas”. Arquivos digitais. p. 80-81

Fotografia nº6 da fotoperformance seriada “Políticas Cadelas”. Arquivos digitais. p. 83

crônica de um retorcimento p. 88

Esboço sobre papel e esboço digital, respectivamente, da obra “torções”. p. 91

Esboço digital da obra “torções”. p. 92

DESEDUCAR OS CORPOS PARA EDUCAR A VIDA p.99

Prints de destaques e notas pessoais nos textos/livros: “Educando com o cu: introdução às pedagogias do corpo e do prazer” de Tertuliana Lustosa (2023); “Pedagogia da desobediência: travestilizando a educação” de Thiffany Odara (2020) e “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade” de bell hooks (2017). p. 100-101

Print de destaques e notas pessoais no livro “Vence-demanda: educação e descolonização” de Luiz Rufino (2021). p. 103

Rabiscos pessoais, projeções de obras e exercícios de escrita criativa. p. 104

“Nós de nós mesmos”, intervenção digital sobre fotografia. Arquivo digital. p. 106

CAMINHOS INCONCUSIVOS: fragmentos de órgãos p. 116

REFERÊNCIAS p. 120

O que se constrói nas páginas que sucedem, enquanto proposição metodológica desta pesquisa, é uma autocorpoграфияimagética tecida entre rizomas, esquizoanalíticas, experimentações e esquizodramaticidades. O nome se autoexplica quando desmembrado de seu agrupamento: auto por se tratar de um processo autoreferenciado, corpo por tê-lo como protagonista das falas que sucedem, grafia que implica uma escrita, mais ainda uma cartografia, um mapeamento das sensações produzidas pelo corpos e no corpos, e imagética por propor escritas visuais, imagens, que falem de seus processos.

Seu eixo principal é meu corpos atravessado por outros corpos (humanos ou não) que lhe são complementares e outras vezes são fronteiras, limites movediços, desvios de formas padronizadas, para uma produção a-generificada, que almeja apresentar-se significada e a-significante, tecendo, no entremeio de outras linhas, uma linha de fuga que tenta escapar dos binarismos, principalmente no que se refere aos gêneros e sexualidades, bem como os espaços aonde ocorre e as relações que estabelece por afetamentos (a paisagem que afeta o corpos e o corpos que afeta a paisagem, ambas provocando mutações umas nas outras).

Mas ter um eixo principal não impede esse estudo-experimento de dar vazão a outras linhas que seguem paralelas, perpendiculares, que entrecruzam, voltieiam, amarram-se, dão nó, se desprendem e fogem por outras encruzilhadas. Esse rizoma apenas dá encaminhamento e garante o mínimo de coerência que um trabalho acadêmico exige.

Dessa forma, faço uso de narrativas na ordem da persona (autonarrativas) assim como

aviso prévio

Essa escrita não é da norma, não aspira a norma, foge a ela e, se a utiliza em dados momentos, é apropriando-se dela como estratégia de guerrilha para denunciar suas inconsistência, hipocrisias e os prejuízos e adoecimentos que dela decorrem. Apropria-se do termo pesquisa e o coloca em outros lugares de enunciação, envolvendo-a com o fora, para o que lhe escapa enquanto conjunto de normas de práticas científicas. Há que se jogar o jogo acadêmico para poder subvertê-lo, ou ao menos tensioná-lo, ou seja, se valer da norma para conseguir achar brechas e fragilidades, dentro dela, que permitam fuga e expansão.

imagens textuais e visuais para dramatizar os conceitos, vivências e experimentações que emergem e demandam seus diálogos no processo do mestrado em educação na UFPR. Nessas notas iniciais se desenha o corpo do vir a ser uma experimentação metodológica que é, junto do corpos que escreve, autocorpoграфияimagética:

- um mapa ampliado de si, não ensimesmado no EU do ego autobiográfico da branquitude, mas de vários eus esquizóides e carregados de potências ativas e passivas que produzem estados de presença no mundo que o cerca. Vale destacar que este corpos que aqui produz autocorpoграфияimagética é um corpos branco, nordestino, trans não-binário, um corpos que se atenta para e não compactua com os modos de existir político-excludentes que Cida Bento (2017) nomeia de branquitude;

- um olhar para os acontecimentos que engatilham processos, revelados nas imagens que por vezes mostram e noutras escondem os procedimentos que atravessam o corpos como território de forças visíveis e invisíveis que vem de fora. Um corpos dissolvido no plano imanente. Mais que isso, inventar possibilidades de existir, fabular os contos de si e dos territórios próprios por imagens visuais, imagens escritas e imagens faladas.

Dentro do escopo do que construímos enquanto autocorpoграфияimagética, ela estabelece algumas prerrogativas político-textuais:

- A primeira delas ocorre na frase acima (nós construímos/ela estabelece) e pode soar um tanto estranho, mas há uma intencionalidade em não assumir uma padronização nas vozes narrativas, assim, em um fluxo esquivo, muitas personas aparecem, tantos eus, nós e outros de nós mesmos;

- Nas citações, sempre que possível, aparece o nome completo das autorias, principalmente de pessoas LGBTQIAPN+, para fins de fortalecer visualmente suas contribuições

e posicionamentos. São éticas, políticas e estéticas que reiteram singularidades e existências, dão devida atenção aos diferentes modos de vida e tratam de singularidades que não se encaixam no formato da ABNT que apresenta apenas o sobrenome da autoria. Assim, onde apareceria ex.: (NASCIMENTO, 2021), se lê (Leticia NASCIMENTO, 2021);

- Esta autocorpografiaimagética se desenha por artistas que fazem clínica e esquizodramatizam os estados de presença que um corpos dissidente de gêneros e sexualidades produz num recorte de mundo, e os modos como ele próprio é produzido em suas interrelações. Levando ao questionamento de como esse corpos trans não-binário tangencia processos abertos de ensino-aprendizagem ao produzir a si próprio no mundo;

- No processo de criação das visualidades lanço mão de linguagens variadas tais como fotografia, desenhos, pinturas, performances, objetos tridimensionais, audiovisuais etc.;

Para a construção dos caminhos desta autocorpografiaimagética, encontro pontos de apoio na Cartografia deleuzo-guattariana e na Pesquisa Rizoma, que se desdobra desta filosofia da diferença e é apontada por Claudia Cunha (2011; 2022) em seus estudos. Tais pressupostos encontram espaços na produção desejante dos caminhos desta pesquisa à medida em que os registros e os objetos artísticos vão sendo produzidos nas interrelações com o mundo, num mapeamento das confluências que desterritorializam, deslocam e/ou potencializam este corpos cuir, dissidente de gêneros e sexualidades.

Para os geógrafos, a cartografia [...] é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tomaram-se obsoletos (Sueley ROLNIK, 2011, p.23)

Na citação acima, Sueley Rolnik suscita um caráter de atualidade para a cartografia como sendo aquilo que se faz constantemente, no momento atual. “O foco é propor um método para olhar para realidade, que não a entendem como indiscernível, o olhar do pesquisador demarca um território, que se dirige ao solo no qual algo acontece.” (Claudia CUNHA, 2022, p. 25). Mas essa concepção não se limita a uma realidade dada e estanque. O movimento de produção, de fabricação de múltiplas realidades possíveis também entra no escopo de uma pesquisa rizomática. Pesquisar rizomaticamente é pensar o atual atualizado na constante do movimento, é pensar ramificações do real a partir das composições de conexões, acessar memórias virtualizadas (BERGSON apud DELEUZE, 1999), lembranças – para falar de uma temporalidade mais

próxima do presente – que se fazem ao mesmo tempo da percepção. “A lembrança coexiste com aquilo de que ela é lembrança, coexiste com a percepção correspondente; o presente é tão somente o grau mais contraído da memória, é um passado imediato.” (DELEUZE, 1999, p. 119).

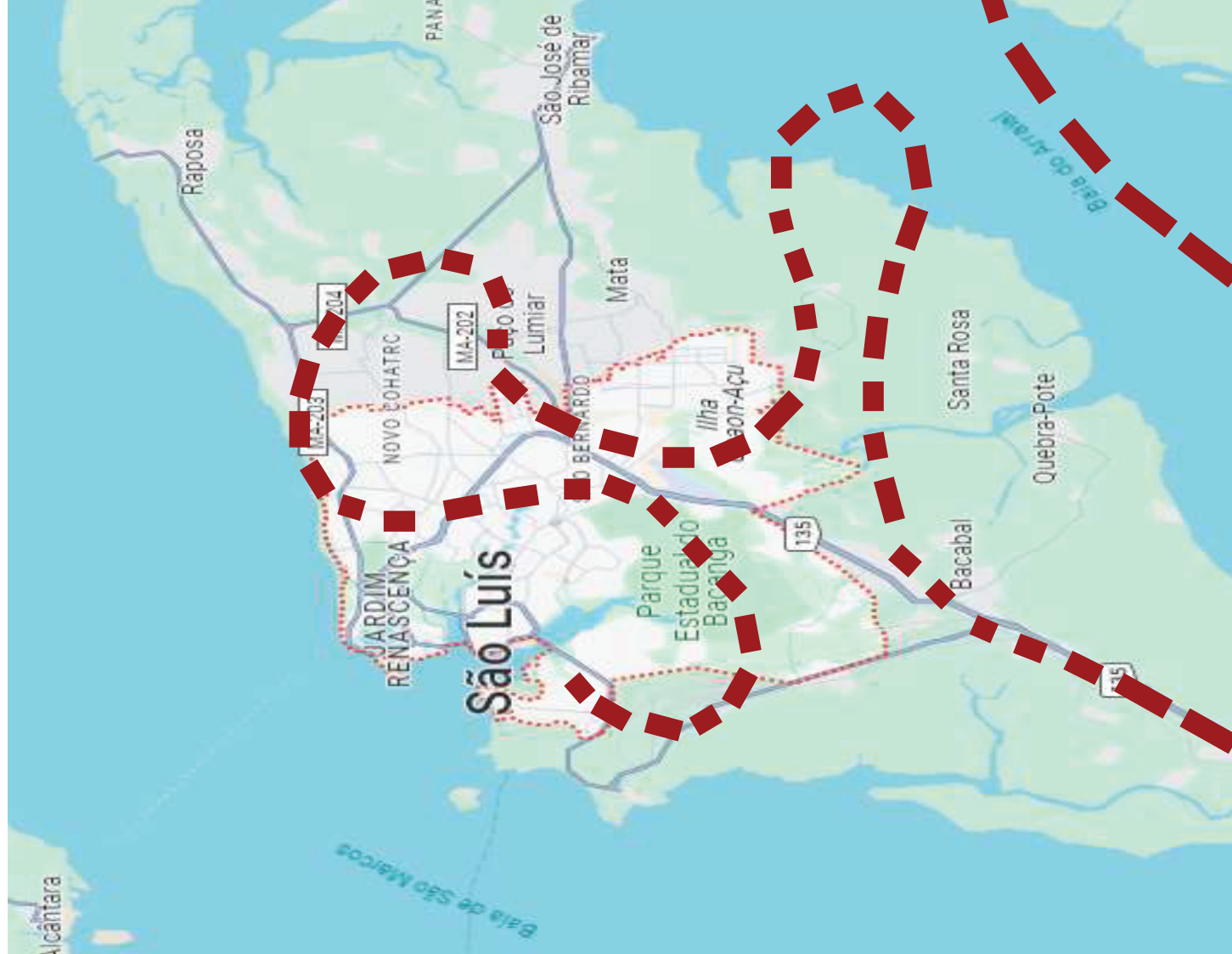
Pesquisar no sentido deleuziano-guattariano é pesquisar o atual é por foco no acontecimento e a noção de acontecimento traz consigo, como significado especulativo, a fixação de algo sobre uma realidade em perpétuo movimento que agrupa nela outros movimentos de indivíduo, grupo, comunidade. Nisso, pesquisar através de um olhar rizomático ou cartográfico significa localizar as redes de significação, com as quais, cada elemento que remete a esta realidade tem uma função – funciona – na constituição (maquinação) de uma singularidade própria, tem um sentido no processo de constituição de um plano específico. (Claudia CUNHA, 2022, p. 25).

Outros pontos de sustentação se dão na Esquizoanálise proposta por Deleuze e Guattari (2010) e no Esquizodrama de Gregório Barenblitt (2013) que a atualiza, deslocando-a da cena francesa e situando suas aplicações práticas no contexto latino-americano. Para Barenblitt (2013, não p.), o esquizodrama

[...] se “alimenta” (teórica e clinicamente) de outras variadas fontes de “instrumentos”, tais como: a música, a dança, o canto, o grito, as artes marciais, mensagens, modos de respiração, vídeo, projeções de cinema, misturas de corpos, encontros e devires-aconteceres... O esquizodrama também se vale criticamente da fala, mas não entendida como a “natureza” significante do sujeito, senão como regimes de signos pós significantes, línguas menores, estrangeiras na própria língua maior; tanto como forma e substância de conteúdo e de expressão produtora de sentidos – atos-acontecimentos incorporais, assim como, também, transmissão de consignas ilocutórias e performativas.

Consequentemente, os conceitos que aqui aparecem não são somente postos a funcionar de forma literal, eles são dramatizados, questionados, desterritorializados e reterritorializados de acordo com os agenciamentos que realizam com os acontecimentos/processos que se deram no decorrer do período de mestrado. As próprias obras que aparecem nesta pesquisa são esquizodramatizações a partir das afecções que transpassam o corpos e o compõem de potências de alegrias e tristezas (ESPINOSA apud DELEUZE, 2021). “Trata-se de ativar micropolíticas desejantes revolucionárias que militam para atualizar virtualidades que metamorfoseiem os panoramas das relações vigentes entre o real, o possível e o impossível” (Gregório BAREMBLITT, 2013, não p.).

Criando este plano de investigação, não somente as redes de significação são localizadas constituindo cada rota do caule rizomático, como destas também brotam realidades a-paralelas que se ramificam ainda mais nas relações perceptuais que se agenciam pela potencialidade dos encontros. “Comunicações transversais entre linhas diferenciadas [...] Buscar sempre o



TRACEJADOS TRANSITANTES ALON-
GAM-SE NA DIMENSÃO TERRITO-
RIAL DE UM OBSCURO BRASIL QUE
SE MOSTRA, OCULTO, NAS PAGINAS
PRETAS;

NOS TRANSPORTES DESEJANTES
VÊ-SE FORMAR UM FLUXO DE VIDA
TAL QUAL FLUXO DE MORTE, MON-
TE DE MERDA QUEIMADA QUE DE-
FUMA O COURO;

TRANSITO NORDESTEANDO' AS
PERSPECTIVAS - BARRA DE ROLA-
GEM DOS ESTADOS DE PRESENÇA;

1 Em diálogo com a perspectiva de *sulcar* ao invés de *nortear*, geocalizo essa pesquisa no contexto brasileiro onde *transito do nordeste* ao sul para imergir no processo do mestrado. Dadas as percepções das diferentes potencialidades entre ambas as regiões, as perspectivas educacionais implicadas a cada uma, os diferentes posicionamentos políticos, proponho o termo *nordestear* como condutor de perspectivas. Para saber mais sobre o *sulcar* ver: *Arte de sulcar-se* de Marcio D'Olne Campos (1991), e *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* de Paulo Freire (1992) onde ele opõe o neologismo ao termo *nortear*.

**ROLO INTENCIONALMENTE DE UM CORPOS A OUTRO
COMO PNEUS QUE CRUZAM OS ESTADOS ENTRE REGIÕES
DE MATAS E DESMATES;**

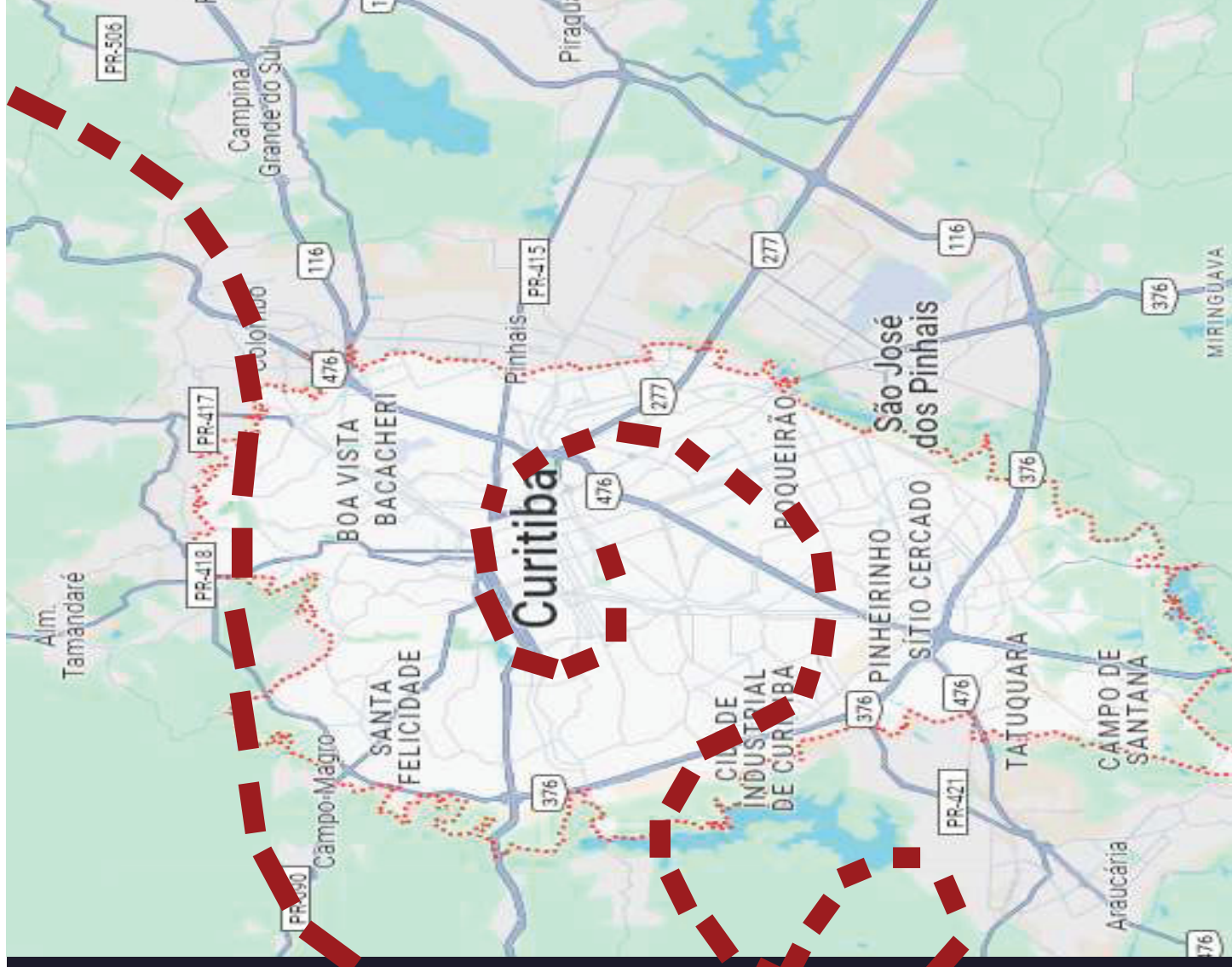
**COMO PNEUS, ME ALIMENTO DE BORRACHA E POEIRA
DAS ESTRADAS DA VIDA EM FLUXOS CONTÍNUOS;**

**COMO PNEUS, EM SUA IMANÊNCIA, É O CORPOS TORÓIDE
QUE SE ABRE AO MUNDO E METAMORFOSEIA O DETERMI-
NISMO MOLAR**

**NÃO AJOELHO A ELES, NEM FAÇO ORAÇÕES FASCISTAS
PATRIÓTICAS!**

CORPOS DESPATRIADO DE GÊNEROS FIXOS

VIVENDO (N)A POTÊNCIA DO ENTRE



molecular, ou mesmo a partícula sub-molecular com a qual fazemos aliança” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 28). Multiplicidade de multiplicidades; panteísmo espinosista: a coisa implicada nela mesma, em cada uma de suas partes/partículas; superposições que interligam consciente e inconsciente; esquizoanalítica dos microacontecimentos que têm macro significações na trama das composições que se enlaçam. Para Deleuze (2013, p. 34), “o inconsciente é um microinconsciente, ele é molecular, a esquizoanálise é uma microanálise. A única questão é como isso funciona, com intensidades, fluxos, processos, objetos parciais, todas coisas que não querem dizer nada”.

Essa multiplicidade de multiplicidades busca substituir a conjunção disjuntiva “ou” pela aditiva “e”. Justamente o “e... e... e...” coextensivo deleuzo-guattariano (2011, p. 48), que diz de uma coisa e outra e mais outra, que se ramificam ao mesmo tempo. Caso em que determinada situação pode se manifestar e ser interpretada de diferentes maneiras a depender da composição dos encontros que a criaram. Particularidade dos encontros onde o corpo vem a ser, independente de qualquer coisa que se sobreponha à percepção de si. E a mediação do pensamento-linguagem sobre a dada situação assume o papel de observador que interfere nos modos da percepção. Como expandi-la para além dos binarismos?

Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras. É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 26)

Traçado o devido percurso que desemboca na produção dos caminhos próprios para esta investigação, trago a atenção para uma esfera mais prática de etapas de desenvolvimento do estudo. Os deslocamentos investigativos que perpassam trajetos de levantamentos bibliográficos de autorias que dialogam com as temáticas, conceitos e áreas de conhecimentos aqui pesquisadas; registros das provocações, inquietações, situações e reflexões que estão surgindo no processo esquizodramático de produção artística, através dos recursos que melhor se mostrarem aplicáveis a cada fragmento do bloco de produção. Sejam fotografias, gravações de áudio, desenhos, textos, pinturas, poesias, objetos tridimensionais, audiovisuais, performatizações, experimentações corporais, etc. Posto isso, é possível pensar, como sugere Rosa Maria Blanca (2011, p. 39), que

[n]esses processos de pesquisa contemporâneos diversidade e complexidade têm emergido como dimensões empíricas das problematizações sociais, políticas e econômicas, o que tem afetado a maneira de perceber e de descrever os processos investigativos, no sentido de que se tem visto que essa dimensão de heterogeneidade implica em trabalhar com diferentes disciplinas e atores na busca de caminhos sistêmicos.

Esse estudo se apresenta como um desdobramento alinear das pesquisas e processos iniciados no trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), intitulado *Glitch/Queer: processos criativos e narrativas mediadoras da exposição D3g3n3r4d?*. Ao integrar glitch art (estética do erro digital) e teoria queer, quis trazer à tona abordagens e perspectivas que acerçam os corpos fronteiriços nos domínios dos gêneros e sexualidades. Naquele estudo propus visualidades e sonoridades em linguagens, técnicas, suportes e materialidades variadas resultando numa exposição de arte contemporânea. Esta ação, de certa forma, conseguiu ao mesmo tempo fomentar debates e reflexões sensíveis acerca de particularidades do universo LGBTIAPN+, assim como permitiu encontrar afetos e paridades pelo imaginário de vivências similares que se entrecruzam, encontram e desencontram nas frestas, situações, deslocamentos, nos não-lugares epistemológicos, nas vivências e dororidades. O termo dororidade é usado como um neologismo a partir da palavra sororidade, proposto por Vilma Piedade (2017) no âmbito do feminismo negro, mas que se mostra aplicável a diversos contextos onde se questiona se a aproximação e suporte coletivos se dão necessariamente pelo entendimento e compartilhamento das dores vivenciadas.

Neste primeiro momento de produção de conhecimento por visualidades, trouxe estudos analíticos e sensíveis acerca das poéticas visuais apresentadas e narrativas mediadoras que permearam a exposição *D3g3n3r4d?* realizada no ano de 2019 na Galeria de Artes do SESC Deodoro em São Luís/MA, mas que traziam uma carga socioantropológica muito particular aos modos de pesquisar predominantes no ambiente acadêmico da UFMA. A partir deste estudo inicial outros questionamentos, provocações e desejos têm irradiado e reverberado.

Desde então assumi certo arquétipo de andarilho, de viajante pós-moderno como provoca Guacira Lopes Louro (2016) para pensar corpos, territórios e fronteiras no âmbito das questões de gêneros e sexualidades. Trazendo-os para esta investigação o deslocamento se instaura: cruza o país pela necessidade de encontrar fora de meu território natal aprofundamentos teóricos e conceituais que reverberem dentro, no desejo de um dia conseguir ampliar as perspectivas provincianas que se veem imersas em um paradoxo conceitual de uma terra extremamente rica em cultura e diversidade que ao mesmo tempo pouco extrapola suas próprias fronteiras e sai de sua zona de conforto, se permitindo acolher e estabelecer diálogos contemporâneos principalmente no âmbito dos gêneros e sexualidades.

Nos percursos artístico-investigativos pelos quais trilho, me interesso pela abordagem

n-1 pontos de torção

1) Primeiro ato: nascer. 2) Crescer e se desenvolver em uma sociedade que cria para si seus próprios adocimentos, suas próprias delusões. Preconcepções e preconceitos que estruturam e compõem as bases de suas relações. 3) Acessar o cristianismo de forma impositiva. Crescer numa instituição familiar, católica, apostólica, romana que migra, em partes, para os diversos protestantismos, ou diríamos fanatismos, da vida. 4) Perceber o desejo sexual aflorar e ir migrando de corporeidades. Se cresce aprendendo que se deve desejar o sexo oposto. Andar na contramão dessa concepção e desejar o mesmo sexo. 5) Entrar em fluxos autodestrutivos de ansiedades e depressões. 5.1) Tentativas de cura gay, ser levada a psicólogos pastores para compreender a anomalia na constituição do desejo. 5.2) Tentativas de suicídio. Apreço pelo aniquilamento de si. Nilismo. Tomar uma garrafa inteira de cabernet sauvignon com algumas cartelas de comprimidos. Sobreviver. 5.3) Ser praticamente exorcizado pela figura da mãe evangélica que recita trechos convenientes da bíblia sob o corpo grogue jazido na cama. 7) Frequentar a instituição escolar. Sofrer diversos preconceitos, ganhar apelidos pelos estereótipos que expunham o exercício latente de uma feminilidade, apanhar de outros estudantes, aprender a (re)bater. 8) Perceber o passar dos anos e com eles entender que este programa não tem fim, nos persegue até a vida adulta, quiçá até a morte. 9) Reticências... 10) Transitar de São Luís/MA à Curitiba/PR para ingressar na pós-graduação; 11) Andar pela cidade até os pés incharem e reconhecerem os caminhos. Memória muscular ativada pela resposta neural: dor; 12) Ir a uma palestra sobre agenda 2030 ministrada por uma pessoa portuguesa e ser apresentada como sendo do Amazonas. 12.1) Levar na brincadeira o devir amazônico. Primeiros indícios de uma xenofobia estrutural do sul brasileiro para quem acima do Sudeste é tudo uma coisa só? 13) Assistir outra palestra, agora de recepção no programa de educação, ministrada por uma outra pessoa portuguesa e entender que a exigência de internacionalização, pela elevada nota do programa, prioriza seus colonizadores. 13.1) Ver as portas do auditório serem todas fechadas, ato de enunciação que diz muito sobre as perspectivas educacionais que viriam pela frente; 14) Transitar por componentes curriculares em algumas linhas de pesquisa do PPG. Notar a profusão de conteúdo em detrimento de uma construção coletiva de conhecimento. 14.1) Passar por disciplinas obrigatórias que apresentam um leque de processos metodológicos, nenhuma pequena fala sobre cartografias e rizomas, sendo que há, no corpo docente do programa e da linha, quem produza conhecimentos sobre a área. Por um ano e meio, estudar metodologias que não acrescentaram muita coisa à pesquisa. 15) Outras reticências ...

chego a esse ^{eu} de ser um corpo,
ponto
quando me pressionam,
quando me prensam
e que me ordenham
até que saia
de mim
o alimento,
o meu alimento
e seu leite,
e o que sobra?

Que estou sufocado;

e não sei se é uma ação
mas me pressionando assim com perguntas
até a ausência
e a anulação
da pergunta
me pressionaram
até o sufocamento
em mim
da ideia de corpo

e foi então que eu senti o
obsceno
e que peidei
de desrazão
e de excesso
e da revolta
do meu sufocamento.

É que me pressionavam
até meu corpo
e até o corpo

e foi então
que eu explodi tudo
porque no meu corpo
não se toca nunca.

(ARTAUD, 2020, p. 62-63)

O QUE PODE (SER) UM CSO?

corpo sem órgãos é um banho desnudo, um encontro da água com a pele rompendo com a lógica da moral, carregando em si a liberdade de ser carne, sem mais um deus que comande a criação, ou a manutenção da dívida eterna, é a liberdade de não ter mais herança, tornar o instante sua própria origem, seu início e sua morte, sem antes ou depois, sua intensidade se compondo com a vida, esquivar-se dos julgamentos e mergulhar na avaliação de seus encontros, seus possíveis, corpo sem órgãos não cabe em definições, se aproxima das experimentações, é corpo correndo riscos de viver, de estar na vida, afirmando o instante na intensidade que pulsa em seu corpo. (Tátia RANGEL, 2020, p. 19).

Talvez o conceito de *csó* seja um tanto inusitado à primeira vista. Já recebi muitos questionamentos sobre o termo: Corpo sem órgãos? Impossível. O que diabos é isso? Afinal, o que resta do corpo se seus órgãos forem removidos? Doidice, como o corpo sobrevive sem órgãos? É necessário ter em mente que *csó* não se trata de uma terminologia da área da saúde, mas sim de uma prática/experimentação/conceito que, enquanto tal, remete a um estado corporal totalmente diluído no meio ambiente. Corpos pré-individual, larvar, que não deve ser entendido de forma literal, quando se busca sensibilizar as suas possibilidades, quando se intui formas de apreendê-lo em práticas e experimentações.

Me deparei com o *csó* há alguns anos quando li o livro *Para acabar com o juízo de deus* de Antonin Artaud (2020, p. 66): “Porque prendam-me se quiserem, mas não há nada mais inútil do que um órgão. Quando terão feito para o homem um corpo sem órgãos, terão então libertado o homem de todos os seus automatismos e o terão devolvido à sua verdadeira liberdade”.

Na realidade, o livro reúne alguns textos e transcreve a transmissão radiofônica *Pour en finir avec le jugement de dieu*, onde Artaud, em 1947, decreta sua guerra aos órgãos que adoecem e limitam o corpo, impedindo-o de ser mais, de vir a ser, de sua presença de “dor de corpo” (ARTAUD, 2020, p. 62). No final da década de 60, Deleuze e Guattari, ambos críticos da noção de recalque vinda da triangulação familiar psicanalítica, traduzem o ímpeto artaudiano da busca por um *csó* enquanto uma prática, **uma experimentação de esvaziamento do corpos das organizações que se sobreponham a ele**, na forma de estratos, e na composição de novas corporalidades moventes, em constante devir.

De todo modo você tem um (ou vários), não porque ele pré-exista ou seja dado inteiramente feito – se bem que sob certos aspectos ele pré-exista – mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo – e ele espera por você, é um exercício, uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não a começou. Não é tranquilizador, porque você pode falhar. Ou às vezes pode ser aterrizante, conduzi-lo à morte. Ele é não-desejo, mas também desejo. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 11).

Nesse sentido, entendendo que criar para si um *csó* implica abrir-se à ideia de um corpo que

vai além das proposições normativas e organizacionais impostas pela sociedade contemporânea. Deleuze e Guattari (2010; 2012) sugerem que o corpo pode ser desmontado, remontado e reimaginado fora das restrições de qualquer órgão específico ou função corporal. O *csó* seria então um corpo sem imagem, uma superfície tensionada, deslizante e opaca que opõe aos fluxos da vida seu caráter amórfico e indiferenciado. Suas expressões não estão limitadas ao binarismo funcional dos órgãos, “às palavras fonéticas, ele opõe sopros e gritos, que são outros tantos blocos inarticulados” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 21), abrindo possibilidade para fluxos de vida em constante desarranjo e rearranjo.

O corpo sem órgãos [...] não é uma projeção: nada tem a ver com o corpo próprio ou com uma imagem do corpo. É o corpo sem imagem. Ele, o improdutivo, existe aí onde é produzido, no terceiro tempo da série binário-linear. Ele é perpetuamente re-injetado na produção. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 20-21)

O *csó* é o improdutivo, ele não é uma projeção do corpo, nem a evidência “ [...] de um nada original, nem o resto de uma totalidade perdida” (*Ibidem*, p. 20). Inseri-lo no contexto de uma produção social implica em uma parada improdutiva, um elemento de antiprodução acoplado ao processo. Parada total das funções corporais, em face de uma sociedade que constrói seus próprios delírios ao registrar os processos de produção (*Ibidem*). No entanto, o *csó* se assenta sobre esta produção, capturando-a e se apropriando dela, servindo de superfície para o registro de todo o processo de produção desejante.

Greve do corpo físico pela liberação órgãos de suas funções restritivas; greve do corpo intelectual pelo direito de contar as próprias histórias sem que sejam distorcidas por um viés unilateral, excludente de uma cis/branquitude que insiste em seus modos de controle; greve do corpo educacional por perspectivas mais relacionais em oposição aos modelos padronizantes; greve do corpo astral pelo reagrupamento de corpos, mente e espírito estritamente vinculados em imanência, abaixo toda transcendência; greve do corpo genericificado pela possibilidade de viver fora das imposições binárias, pela possibilidade de viver.

Para criar um *csó* não é necessário remover ou negar os órgãos físicos do corpo humano. Ao contrário, ao se deparar com esse processo é lançado um convite à desestruturação das normas sociais e subjetivas, motivando a busca por maior liberdade e autenticidade. Isso implica questionar as expectativas impostas e explorar novas formas de ser e se relacionar, permitir a multiplicidade de experiências e desinvestir de estruturas repressivas, além de explorar a criatividade e a expressão pessoal.

Em suma, criar para si um uso envolve propor caminhos, que se tornam objetivos do corpos que se propõe à experimentação:

- Questionar e desafiar as normas sociais, culturais e pessoais que limitam a expressão, a identidade e a subjetividade. Reconhecer as expectativas e crenças internalizadas e explorar novas formas de ser e se relacionar.
- Abraçar a multiplicidade e a diversidade de experiências e perspectivas. Reconhecer que a identidade não é fixa e que cada pessoa possui múltiplas facetas e potencialidades. Permitir-se explorar diferentes expressões de gênero, sexualidade, e outros aspectos da vida.
- Desinvestir emocionalmente das estruturas repressivas e hierarquias que restringem a liberdade individual. O que envolve questionar e resistir às formas de opressão e controle social, buscando uma maior autonomia e autenticidade.
- Reconhecer e abraçar a fluidez e a mutabilidade da vida e da própria identidade. Perceber que as experiências e a subjetividade podem se transformar ao longo do tempo, permitindo uma maior liberdade de experimentação e crescimento.
- Cultivar práticas expressivas que permitam a exploração de novas formas de vir a ser e se relacionar com o mundo. Isso pode incluir artes visuais, escrita, dança, música, teatro ou qualquer outra forma de expressão que ressoe consigo.



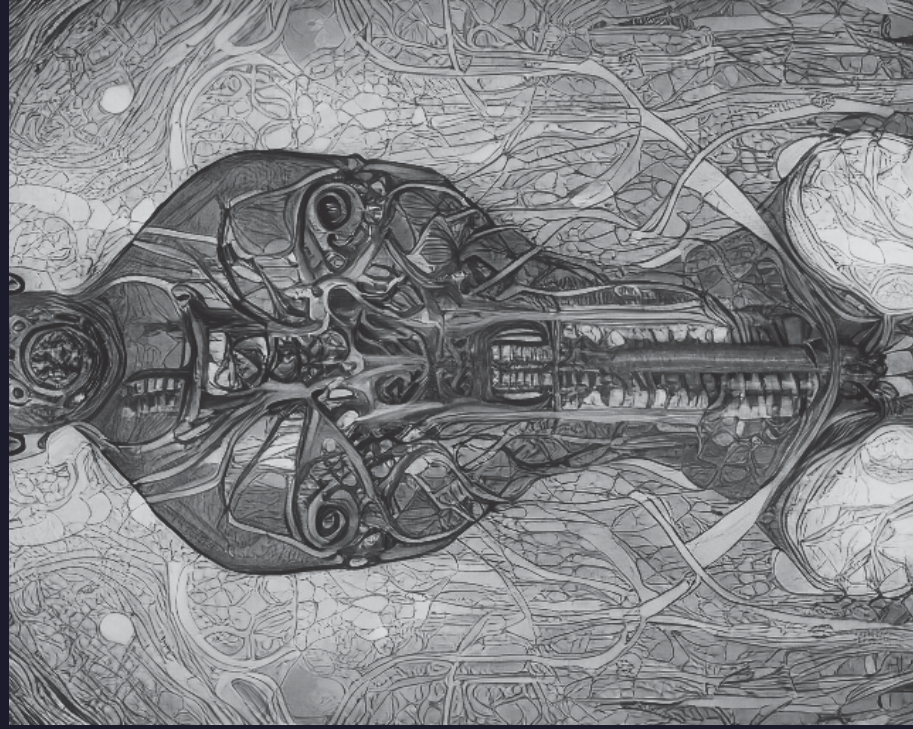
LEGENDA: acima - um aglomerado de ossos disformes/ abaixo - um aglomerado sob descontrolo. Experimentos digitais diálogos entre rabiscos pessoais e inteligência artificial.



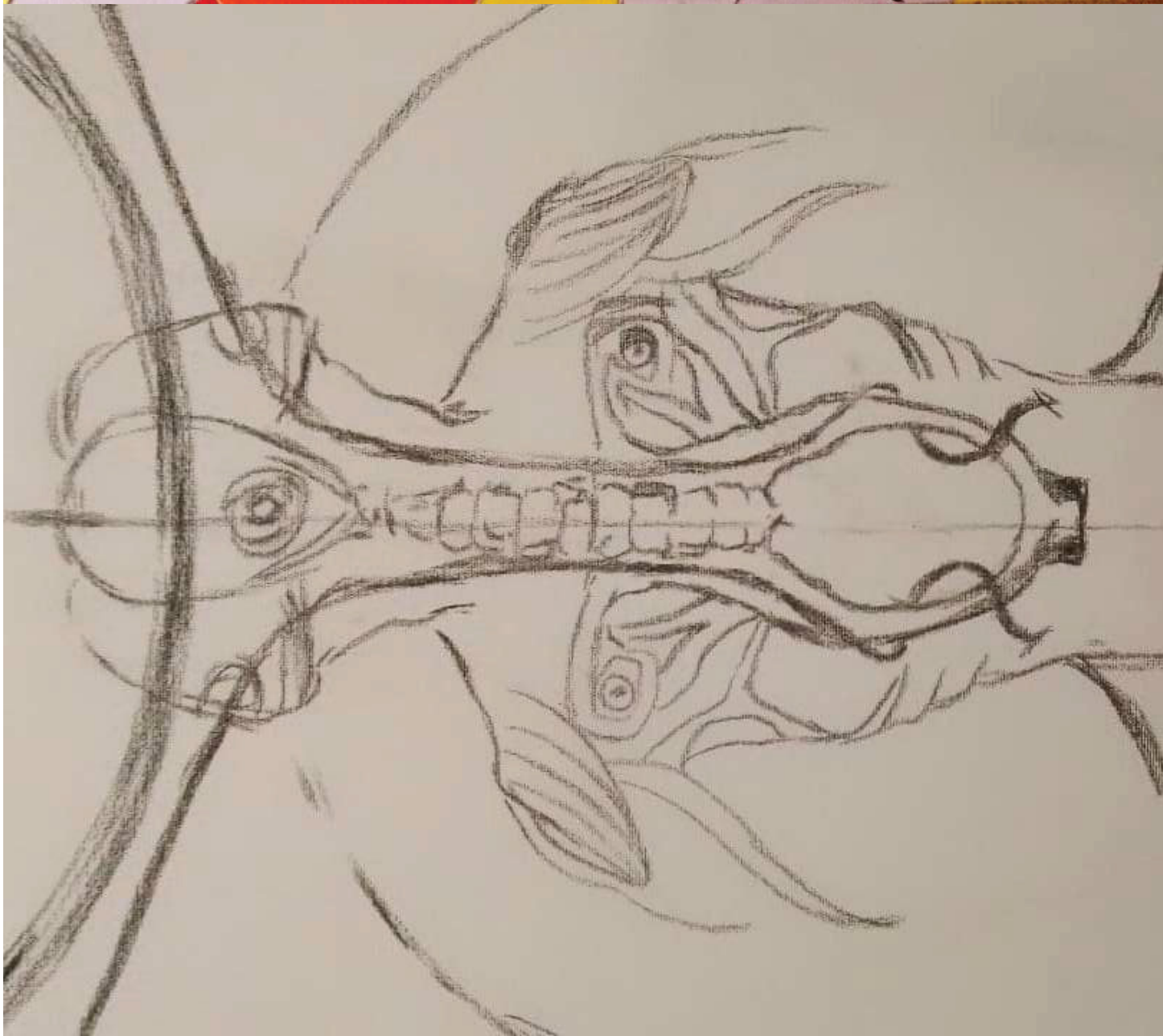
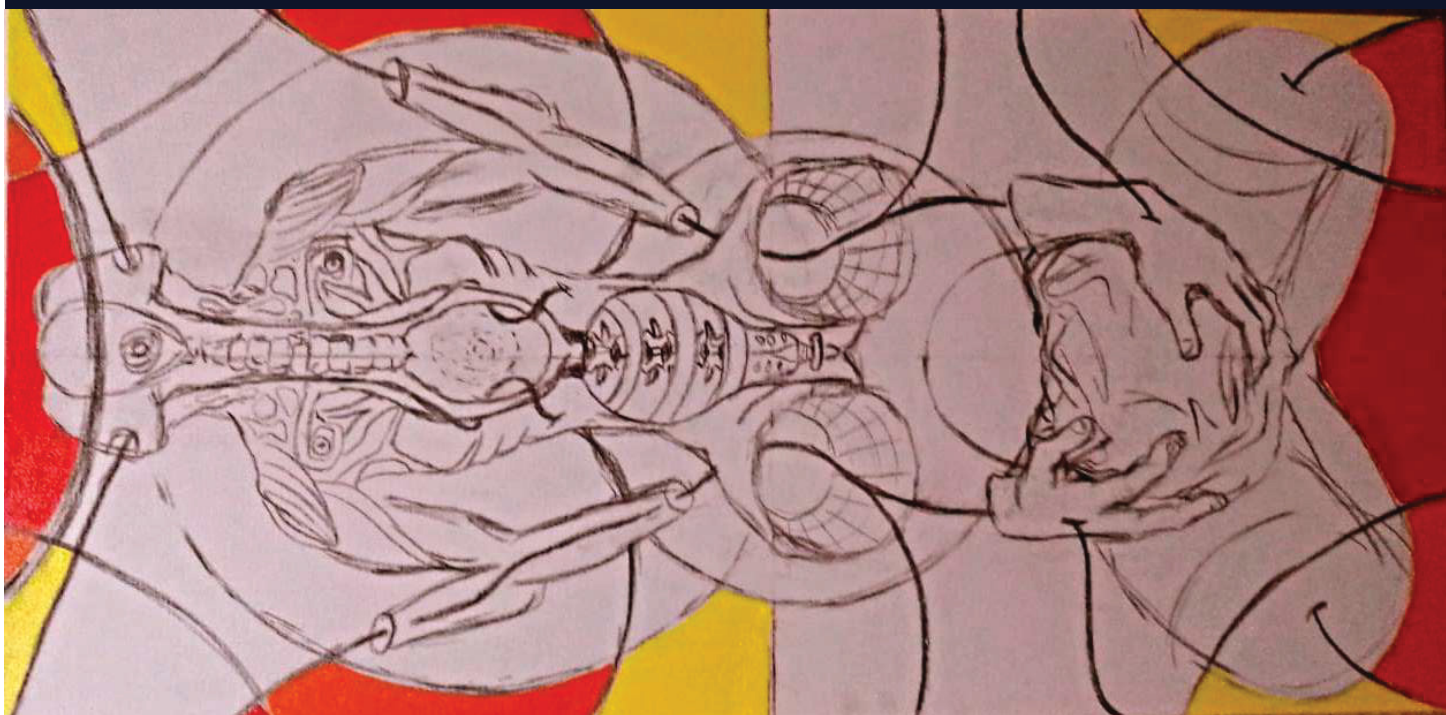
O corpos que aqui se desenlaça propõe visualidades sobre o que o compõe e mantém em seu processo desorganizacional, em sua busca de uma prática possível para um cso. Desfazer em camadas estéticas e camadas discursivas que aparecem intepesivamente só pela menção do exercício (cso). Desmantelamento das estruturas como manutenção da vida. O que é inconforme com o que lhe quer padronizar não mais perambula em abjeção, mas produz a realidade que o desejo coordena em toda atividade de sua potência.

...com ou sem órgãos o corpos não passa de um aglomerado de ideias, ossos, peles, músculos, fásia etc, microbiomas em macroagenciamentos.

LEGENDA: Três inconformidades - estrutural, muscular e molecular. Experimentos digitais diálogos entre rabiscos pessoais e inteligência artificial.



LEGENDA: Esboços em tela da obra "máquina de processamento de fluxos" (50 x 100 cm).



1.

UM GRITO INAUDÍVEL

ESCORRE

PELA BOCA

DO ESTÔMAGO

CENTRO

PROCESSAMENTO

DO CORPOS

ABJETO

2.

CERBERUS GUARDA AS PORTAS

DE ENTRADA E SAÍDA

TRÊS BOCAS OCAS

PARA TRÊS CAMINHOS LIVRES

QUE BRAÇOS E PERNAS

ESCONDEM/ APONTAM

3.

DIMENSIONA-SE O DENTRO PELO FORA

E VICE VERSA

DE E VICE VERSA

UM TODO CANALIZADO

SE DESMANCHA EM FLUXOS

CORRENTES

ESCALONADOS

DE DENTRO E FORA E ACIMA E ABAIXO

E UM LADO E OUTRO E UM GÊNERO E OUTRO

E OUTRO..

E OUTRO...

BINARIEDADES MENTEM SUAS ORIGENS

4.

AFETAMENTO;

MÁQUINA DE PROCESSAMENTO

DE FLUXOS - AFECTOS

5.

AFETAMENTO;

MÁQUINA DE PROCESSAMENTO

DE FLUXOS - AFECTOS

6.

AFETAMENTO;

MÁQUINA DE PROCESSAMENTO

DE FLUXOS - AFECTOS



LEGENDA: Fragmentos do processo de pintura da obra “máquina de processamento de fluxos”. Óleo sobre tela (tam. 50 x 100 cm).



LEGENDA: Processo de pintura da obra "máquina de processamento de fluxos". Óleo sobre tela (tam. 50 x 100 cm).

ANALIDADES

Sentada à minha escrivadinha, divido o notebook em que escrevo essa dissertação com o vibrador que carrega na porta usb da lateral direita. Percebo entre peles e poros a cena que se desdobra, como se fosse (e quase acabo por vir a ser) uma forma personae que sempre escapa dos cartesianismos obrigacionais da escrita acadêmica. Revertido, introduzo apenas a pontinha do pensamento e o cu logo dilata, segurando, num pompoarismo anal, cada pedaço de ideias que vão sendo introduzidas.

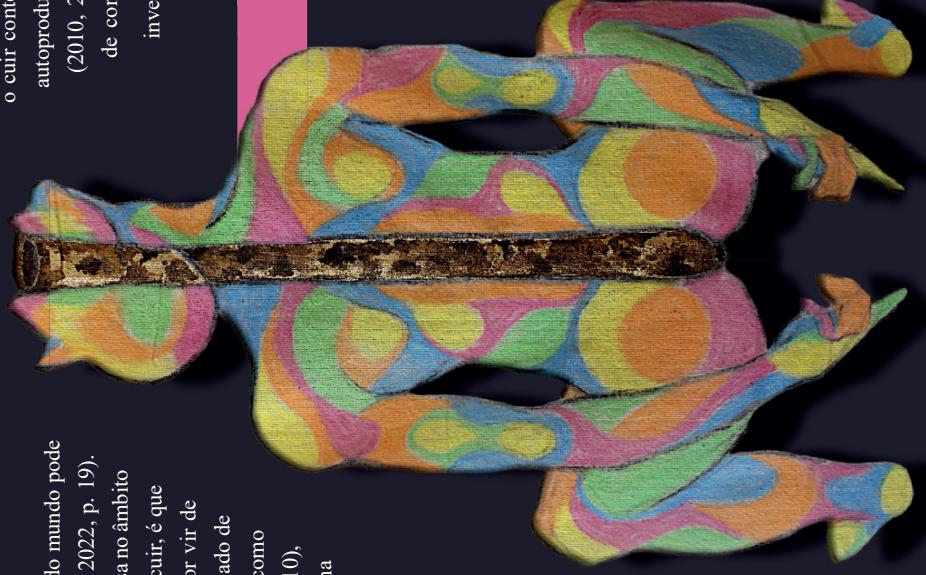
“O cu parece democrático, todo mundo tem um. Mas [...] nem todo mundo pode fazer o que quiser com o seu cu” (Javier Sáez; Sejo Carrascosa. 2022, p. 19). Com esta implicação que localiza o *corpos* de agenciamentos dessa pesquisa no âmbito dos gêneros e sexualidades dissidentes, mais especificamente nas teorias cuir, é que início os trabalhos e introduzo os conhecimentos que aqui se dão em por vir de produção (produzidos e por produzir). É a partir e de dentro do cu, em estado de multiplicidade desorganizacional, que começo essa escrita, tomando-o como o primeiro espaço de desterritorialização (Deleuze; Guattari, 2010), primeiro órgão a ser desorganizado no exercício de fabricação de uma *corporeidade cuir sem órgãos*, ou de um *cu-ir sem órgãos*, ou ainda *cu-ir^{so}*, como nomeio nessa pesquisa.

O que o poder entende ser o cu de uma bixa não é o mesmo que uma bixa entende que é o seu cu. Para o poder somos paus no cu, cus sem eu, sem possibilidade, necessidade ou atitude para ter qualquer iniciativa política. Cus para dar, cus para tomar. Cus que reclamam serviços públicos para não se cagarem pelas calçadas: está bem, vamos dar isso, não queremos que encham tudo de merda. Cus despolitizados. Pois bem, meu cu é coletivizado, que não é o mesmo que ser meu cu. Tenho um cu solidário, o que é diferente de ter um cu que busca seu prazer egoisticamente. Tenho um cu entregue, o que é diferente de ter um cu vampiro. Tenho um cu engajado, incapaz de foder com necas anônimas, de direita, de pauperadas, imigrantes: dando na mesma para ele. (Paco Vidarte, 2019, posição 398).

A grafia que intitula o trabalho também sai do cu e se delimita aos poucos: o cu se abre ao mundo, desedipianiza suas

pregas, absorve tudo o que lhe convém, rejeita o que não compõe consigo, desponha das profundezas do corpos, fala e se movimenta, alguém sugere que ele vá, ande descontroladamente, jorre seus fluxos de merdas de palavras – que o cu-vá, o cu-foi, o cu-ia, mas ele não para, continua a ir. Cu-ir que brinca com tudo o que se movimenta, com o órgão que desencadeia inúmeros debates e carrega todo um estigma político-social. Cu-ir que brinca, se mistura com o cuir contextualizado, situa-se nessa descolonialidade particularizada de um corpos que se autoproduz pelo cu desorganizacional. Cu-ir que bebe em Artaud (1947), Deleuze e Guattari (2010, 2012), fonte de onde pega emprestada a noção/conceito/prática/experimentação de corpo sem órgãos (eso) e se eleva a essa potência. Eis a fórmula desejante dessa investigação:

cu-ir^{so} = cuir elevado à potência do corpo sem órgãos



LEGENDA: Recorte digital da obra “dois toros”.

objeto de amor

De tal ordem é e tão precioso
o que devo dizer-lhes
que não posso guardá-lo

sem que me oprimam a sensação de um roubo:
cu é lindo!

Fazei o que puderdes com esta dádiva.

Quanto a mim dou graças
pelo que agora sei
e, mais que perdoo, eu amo.

(Adélia Prado)

Dizem que quando se dá uma importância desmedida a alguma coisa, é porque se ama muito aquilo. Assim, o eu, como espaço de territorialização política de controle dos corpos, carrega muitos estigmas que mascaram o real desejo por detrás da repulsa que se volta a ele.

“[...] quando pensamos o corpo damos privilégio epistemológico para algumas partes e não para outras; sempre um maior valor para a cabeça e uma desvalorização do baixo-ventre. Dessa forma, compreendemos que há toda uma arquitetura política do corpo, as partes dignas e as partes indignas, as partes desejáveis e as indesejáveis. (Javier SÁEZ; Sejo CARRASCOSA, 2022, p. 11).

No poema que intitula esse subtópico, Adélia Prado faz as pazes com o próprio eu

ao desorganizar a ideia de sujeira e abjeção que este órgão carrega por tantas imposições socioculturais. Desedipianização das pregas como motor de propulsão da vida, uma forma de amor próprio. Cu é lindo!

Por muito tempo essa pessoa que me abriga, como uma voz que ecoa na cabeça, esteve atada às convenções lhe impediam de dar o cu. Os gatilhos e traumas advindos dos abusos sexuais pelos quais passou a fizeram se fechar para a possibilidade, mas há um quê de transformador no trânsito do corpo de uns territórios a outros (do masculino ao feminino e ao fora, assim como de São Luis à Curitiba). Chegar numa nova cidade iniciando a produção de um esboço implicou abrir espaço para tempos que espiralam (Leda Maria MARTINS, 2021) e retomam diferentes pontos equidistantes do passado. Retomada do prazer anal pela retirada da carga social que o cu carrega, pela liberação das pregas como liberação dos construtos formativos e psicanalíticos que reduzem a potência ao arquétipo do Édipo.

Quando se retira a relação de causa e efeito, que culpabiliza a vítima estuproada justificando e relacionando a homossexualidade ao crime, o sentimento de culpa deixa de ser mandatório. Nem perversão, nem neurose. Assim, os fluxos contínuos de vida, antes bloqueados, são agora abertos escancaradamente a vazões esquizóides. O eu ganha ânima. Torna-se esboço que deseja, produz, questiona, revela as hipocrisias que lhe são atribuídas. O eu em sua força ativa, em sua potência de agir, afeta todo um sistema que lhe quer oprimir em suas singularidades. Sim, as políticas de controle são tão subjetivas quanto particulares:

[...] depende se o eu penetrado é branco ou negro, se é o de uma mulher ou de um homem ou é um/uma trans; se nesse ato se é ativo ou passivo; se é um cu penetrado por um dildo, um pênis ou um punho; se o sujeito penetrado se sente orgulhoso ou envergonhado; se é penetrado com uma camisinha ou sem ela; se é um cu rico ou pobre, católico ou muçulmano. [...] é nessa rede onde o poder se exerce, e onde se constrói o ódio, o machismo, a homofobia e o racismo. (Javier SÁEZ; Sejo CARRASCOSA, 2022, p. 19).

LEGENDA: Fotoperformance “amai-vos uns aos cus dos outros como amais ao teu próprio”. n.º 1 - Arquivo digital.

O cu é situacional assim como o estômago de quem passa por situações de preconceito diariamente. Para trazer um exemplo prático do poder de um cu conto um acontecimento antigo, porém revelador de um conjunto de camadas sobrepostas produtoras de uma realidade específica que autoriza a nudez consumível de um corpo feminino desnudo enquanto repudia os pêlos à mostra de um cu então lido como masculino por um pensamento compartimentado e limitado das experimentações de gêneros. Foi na apresentação do trabalho de teatro performático “LAMA” de autoria de Doroti Martz na Bienal da Une em Fortaleza (CE) no ano de 2017:

Sem local apropriado fornecido pela equipe do evento para preparação do elenco antes da apresentação, Vihen e Doroti aceitam fazer a maquiagem no banheiro do Teatro Iracema localizado no Dragão do Mar. Logo surge o primeiro problema de gênero: Vihen (lido biologicamente como masculino pela equipe do teatro) quem faz a maquiagem corporal em Doroti não pode permanecer no banheiro feminino, nem Doroti no banheiro masculino, assim somos retiradas pelos seguranças do espaço e continuamos os processos nos corredores. Entretanto as nádegas e os seios aparentes do corpos cis feminino de Doroti é deleite para os olhos maldosos dos machos alfa que reiteram suas masculinidades segurando os cacetetes fállicos nas mãos e tecendo comentários misóginos entre si. Para equiparar a balança Vihen abaixa as calças e coloca o cu de fora. Foi o suficiente para causar incômodo na masculinidade frágil que acionou de imediato a coordenação do espaço e do evento providenciando camarins e assistentes de produção, antes inexistentes, para que a equipe pudesse terminar seus preparos.

O PODER QUE O CU EXERCE É TAMBÉM RELATIVO E SITUACIONAL.

Contra os postulados hipócritas que habitam a dualidade mesquinha do odioso/desejável, profanemos a sacralidade do intocável cu e sacralizemos toda tentativa de abjeção que ouse se manifestar. Nessa retomada epistemológica ele é espaço de conhecimento e fonte de sabedoria. A chama acesa não ilumina a racionalidade estagnada, mas convoca metamorfose, transforma pelo poder do fogo que queima a rosca em brasa. Chama pelo sabedoria ancestral do corpo negada pelo cristianismo que se estabeleceu a base de sangue e sacrifício. É o cu do Diabo que se beija para obter o conhecimento mágico ancestral em diversas vertentes da bruxaria. O *osculum infame* aparece nos manuais medievais de caça às bruxas como o *Formicarius* e o *Malleus Maleficarum*, parodiando e profanando o *osculum pacis* litúrgico (Pantalea MAZZITELLO, 2013).

No medievo europeu cristão o beijo (ósculo ou osculum) era um elemento de caráter



LEGENDA: Fotoperformance “amai-vos uns aos cus dos outros como amas ao teu próprio”. n.º 2 - Arquivo digital.

jurídico e sacramental a depender da região beijada. O beijo sobre os lábios confirmava a eficácia de determinados contratos, assim, stregones e bruxas de outras origens não italianas beijavam o cu do diabo representado pela figura do bode em ritos iniciáticos obtendo assim a sabedoria necessária para suas práticas.

Assim como as ancestrais bruxas de várias partes do mundo se valiam do *osculum infame*, proponho uma resignificação da prática na fotoperformance “amai-vos uns aos cus dos outros como amas ao teu próprio”. Acendo uma vela vermelha e enfo no cu, a chama do conhecimento de Lux Ferre, o portador da luz corporificada no desejo, se faz viva e adentra os fluxos de intensidade que permeiam o pesquisar. Tremeluzente caminhar para a desrazão que o cu provoca, transformando o buraco uno em multiplicidade de afecções.

Propomos fazer pesquisa do cu para o resto do corpo e vice-versa, como contraponto a um sistema de crenças e valores que enriquecem o processo educacional pela padronização de corpos e mentes. Abrimos as pregas aos fluxos. Deixamos que o cu mestiço fale (Jota MOMBACA, 2015), transformamos o ato de dar o cu em potência filosófica (Paul B. PRECIADO, 2014), fazemos dele um percuso educacional para criar estratégias de travestilizar um sistema que não é feito para pessoas trans (Tertuliana LUSTOSA, 2023). Dessa forma, há uma composição com o pensamento de Thifany Odara (2020, p. 95) a medida que se produz

um processo desobediente que promove perspectivas educacionais sob a luz da organicidade insurgente das travestis. Logo, toda essa bagagem vem acompanhada da estratégia de travestilizar as normas vigentes e políticas educacionais, assim como currículos excludentes que dialogam diretamente com os conhecidos e chamados de padrões dominantes.

Esse entendimento de processos educacionais com o cu extrapola o ambiente do ensino formal. Ao performatizar uma experiência de gênero em trânsito, seja com o objetivo de alcançar o gênero imediatamente oposto, seja se mantendo nas zonas cinza de inteligibilidade de gênero, o corpos trans é socialmente impellido a educar o mundo que o cerca, da mesma forma que o mundo ao redor tece teias de ensino-aprendizagem que esse corpos traz para si, principalmente na produção de estratégias de sobrevivência. Mesmo que se queira falar de outros assuntos não relacionados, ainda somos vistas muitas vezes como educadoras do gênero pelo simples fato de existirmos. O mesmo acontece frequentemente a pessoas negras, a pessoas com deficiência (PcD), a pessoas gordas e assim a lista se alonga pelas comunidades marginalizadas por um pensamento universalizante dos corpos e experimentações individuais.

A proposta de Tertuliana Lustosa (2023) de esucar com o cu evoca o prazer como modo de travestilizar o ensino formal e torná-lo mais efetivo e menos massante. “Isso decorre de

um sistema educacional que nos oprime, que reforça o racismo, a transfobia, a homofobia, o etnocentrismo, uma série de estruturas que vão tornando a experiência pedagógica completamente desgastante e a sensação de expulsão é permanente para pessoas trans, por exemplo” (Tertuliana LUSTOSA, 2023, p. 186). De modo muito similar, bell hooks (2017, p. 254) diz que “entrando na classe determinados a apagar o corpo e nos entregar à mente de modo mais pleno, mostramos por meio do nosso ser o quanto aceitamos o pressuposto de que a paixão não tem lugar na sala de aula”. Ela aponta ainda que “a educação feminista para a consciência crítica se arraiga no pressuposto de que o conhecimento e o pensamento crítico na sala de aula devem informar nossos hábitos de ser e modos de viver fora da escola” (Ibidem, p. 256).

Assim, informando os modos de viver em quaisquer espaços, a dimensão do prazer atua também na compreensão das práticas educativas cotidianas de um corpos trans não binário localizado no espectro cuir e que adota a perspectiva do cso. É importante reconhecer que o prazer não se limita apenas a uma experiência física ou sensorial, mas também abrange aspectos emocionais, psicológicos e sociais. Talvez seja somente pelo entendimento de que a construção do prazer está intrinsecamente ligada à autonomia e à agência do indivíduo sobre seu próprio corpo e identidade que consigamos criar possibilidades educacionais mais abrangentes.

Para uma pessoa trans não binária que desafia as normas de gênero tradicionais, que se coloca no entre das possibilidades binárias estabelecidas como aceitas para os gêneros, a busca pelo prazer pode ser um ato de resistência e afirmação de sua própria existência. Nesse contexto, as práticas educativas cotidianas podem se concentrar em cultivar um ambiente que promova o respeito, a autoexpressão e a celebração da diversidade e da multiplicidade de corpos e identidades.

Além disso, ao adotar a prática do cso, que se distanciam as estruturas binárias e hierárquicas do corpo, o corpos trans não binário pode explorar novas formas de prazer que ultrapassem as limitações impostas pela normatividade de gênero. Isso pode incluir a experimentação com novas sensações corporais, a reconexão com partes do corpo anteriormente negligenciadas ou marginalizadas e a criação de espaços de intimidade que valorizem a autenticidade e a reciprocidade, como nesta tentativa de tomar um trabalho acadêmico mais próximo de uma vivência que é, ao mesmo tempo, singular e coletivizada.

No contexto educativo, como veremos no último capítulo, essa abordagem pode se manifestar através de práticas pedagógicas que incentivam a autoexploração, o diálogo aberto e a reflexão crítica sobre as normas sociais e de gênero. Isso pode incluir atividades artísticas,

discussões em grupo, narrativas pessoais e outras formas de expressão criativa que permitam que estudantes, especialmente trans e travestis, possam explorar e compartilhar suas experiências de prazer de maneira segura e acolhedora.

Apesar desta autocorpo(a)grafia não se voltar especificamente para o ensino formal e essas autorias mencionadas adentrarem nesse âmbito, como vemos neste último comentário de bell hooks, as perspectivas de dentro e fora se misturam. Os modos de viver fora da escola também se apresentam enquanto práticas educacionais cotidianas que o corpo agencia sem a “cisão entre mente e corpo” (Ibidem, p. 256) a qual nos habituamos no espaço escolar e acadêmico. A ideia que coordena e desencadeia os processos investigativos desta pesquisa é justamente de que educação é algo que se constrói na relationalidade do corpo e por ele. “A educação [forma] vai tentando nos moldar e esquece que o ser em si ele educa” (Tertuliana LUSTOSA, 2023, p. 187). Assim ela é carregada de intersubjetividades que se cruzam e produzem conhecimento corporificado.

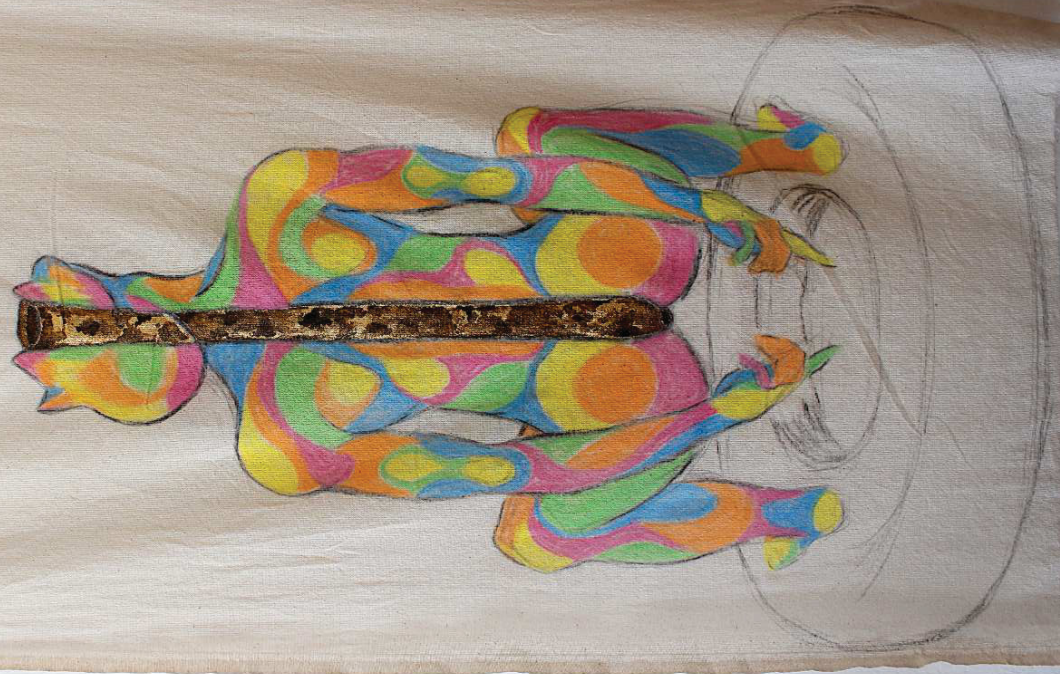
Por vezes, vivências particulares produzem reverberações conjuntas visto que experiências similares são vivenciadas por determinados grupos sociais. É por isso que evoco o tempo inteiro autonarrativas como potência de cruzamento de fluxos de vida e de morte. Por vezes é pelas alegrias que celebramos a força da coletividade, por outras é pelas dores que, enquanto pessoas trans, elaboramos estratégias de dororidade (Vilma PIEDADE, 2017). Nada mais explícito que o eu para reunir todas essas potências num só orifício.

“[...]”
Quanto a mim dou graças
pelo que agora sei
e, mais que perdoo, eu amo.”
(Adélia Prado)

Incluir a dimensão do amor e do prazer nas perspectivas educacionais pode também gerar um processo de desterritorialização do corpo de tal modo que consigamos visualizá-lo em outras imagens. Criando para si um eu-*it* no âmbito educacional retira-se o privilégio da boca em detrimento do eu, esse corpo se achata em seu prolongamento, torna-se u toróide, um corpo de espaço esvaziado, para tornar a se tridimensionalizar: “[...] o ânus e sua supervalorizada companhia, a boca, nos mostram que o corpo humano (e o de todos os animais) não é uma entidade fechada e completa, muito pelo contrário, é algo aberto, mais que isso, aberto de uma forma muito especial” (Javier SÁEZ; Sejo CARRASCOSA, 2022, p. 88).

Para essa abertura especial os autores propõem a figura geométrica *toróide*, trata-se de um objeto bidimensional que é gerado ao girar um círculo em torno de um eixo que está no mesmo plano do círculo, mas que não interessa o próprio círculo. Penso assim o corpo humano, considerando a estrutura tubular do trato digestivo, que começa na boca e termina no ânus. O corpo como um espaço contínuo e interconectado entre dentro e fora e seu corolário. Interação de sistemas que trabalham juntos, coexistem num fluxo contínuo que amplia o trajeto do alimento que passa por nossos corpos. E por alimento não me refiro somente aos compostos sólidos e líquidos que ingerimos pela boca, mas ao fluxo de informações que alcança o corpo e que também precisa ser digerido.

LEGENDA: processo de produção da obra “dois toros”. Giz colorido de quadro, folha de ouro e carvão vegetal sobre tecido. Tam.: 153 x 74 cm. 2023.



Isso nos permite pensar na existência do corpos como uma complexa interconexão de funções e sistemas que se desfazem numa forma toroidal, onde a entrada é diretamente conectada à saída. Ou melhor, onde não há mais entrada nem saída, mas somente um buraco por onde passam fluxos contínuos.

Seguindo com a nossa analogia, o corpo humano pode ser descrito como uma superfície fechada, mas com um orifício estrutural que é o aparato digestivo. Isso contradiz a imagem que temos do nosso próprio corpo, de maneira intuitiva: quando ingerimos algo, dizemos que colocamos 'dentro' do corpo, mas na realidade estamos colocando 'fora'. Não 'colocamos' nada, estamos passando por um buraco. [...] Na verdade essa superfície que é o corpo tampouco é fechada no sentido estrito. É porosa, aberta. A pele tem poros e por ela se intercambia a água com o exterior" (SAEZ; CARRASCOSA, 2022, p. 88)

Mas por quê não visualizar o contrário? O ânus como entrada e a boca como saída. Absorver o mundo pelo cu e regurgitar palavras. Ainda mais interessante seria remover a dualidade implicada na oposição que a questão acima instaura: o ânus e a boca ambos como saída e entrada de fluxos ininterruptos. Há sempre que se retroalimentar. "Fazer do cu nosso instrumento político, a diretiva fundamental de outra militância LGBTQ, desenhar uma política anal muito básica: tudo para dentro, receber tudo, deixar que tudo penetre e para fora mandar só merda e peidos, essa é a nossa contribuição escatológica para o sistema" (Paco VIDARTE, 2019, posição 1107).

Essa abordagem para imaginar o corpos, em termos de um toróide em vez de um conjunto de sistemas compartimentados, se liga ao cso quando propõe uma involução criativa e contemporânea. "Os órgãos se distribuem sobre o CsO; mas, justamente, eles se distribuem nele independentemente da forma do organismo; as forças devém contingentes, os órgãos não são mais que intensidades produzidas, fluxos, limiares e gradientes" (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 31). Corpos de espaços esvaziados dos destroços dos estratos que o delimitam na sua forma de corpo organizacional. Não se trata, porém de uma oposição puramente abstrata dos estratos ao cso, pois "[...] encontra-se CsO já nos estratos não menos do que sobre o plano de consistência desestratificado, mas de uma maneira completamente diferente" (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 29). Por ele imagino outras maneiras de pensar sobre como os aspectos sociais, culturais, econômicos e até políticos são incorporados e passam através de nosso corpos, da boca ao ânus, do ânus à boca, da boca à boca, do ânus ao ânus e de ambos a lugar algum.



LEGENDA: Fotografia n.º 1 da fotoperformance seriada "Políticas Cadelas", Arquivos digitais.

POLÍTICAS CADELAS: experimento visual rumo a uma ética de torções

**Uma política cadela é uma
política de sobrevivência.**
(Paco VIDARTE, 2019, posição 963)

DO AFETO NEGADO PERCORRE A EXISTÊNCIA FAZENDO DE SI EXPERI-
AFETO NEGADO PERCORRE A EXISTÊNCIA FAZENDO DE SI EXPERI-

MENTO AMBULANTE DE POLÍTICAS DE VIDA QUE CONTRAPONHAM O QUE QUER
MENTO AMBULANTE DE POLÍTICAS DE VIDA QUE CONTRAPONHAM O QUE QUER

MATAR. O CORPO QUE RETORCE SUAS FORMAS NA BUSCA DO INEXISTENTE SENTIMENTO
MATAR. O CORPO QUE RETORCE SUAS FORMAS NA BUSCA DO INEXISTENTE SENTIMENTO



LEGENDA: Processo de produção da obra "Cerberus". Giz colorido de quadro sobre tecido. Tam.: 71 x 156 cm.

CERTA MANHÃ TRÊS CACHORROS ME ATACARAM AS PERNAS

EM RUAS FRIAS E DESÉRTICAS

FRAGILIDADE IMPLÍCITA DA MATÉRIA CORPORAL

OS DENTES À MOSTRA, AS FERIDAS ABERTAS, A CARNE PENDURADA, O FLUXO SANGÜÍNEO

O TEMPO DILATADO

LIBIDINOSOS ESTADOS DE AUSÊNCIA PRESENTIFICAM O INVESTIMENTO MOLAR

LEMBRO DE PACO VIDARTE E DE SUA ÉTICA BIXA

POLÍTICA CADELA COMO POLÍTICA DE SOBREVIVÊNCIA

POLÍTICA DE DERIVAS ERRANTES

DE ATENÇÃO REDOBRADA AOS INSTINTOS

DE ALIANÇAS MÍNIMAS

DE ARAPUCAS

DE FINGIR COMER AS SOBRAS

E ROUBAR O BIFE

SORRATEIRAMENTE

QUANDO DEIXAREMOS DE NOS CONTENTAR COM MIGALHAS?



Não se trata, evidentemente, dos bichos, da sexualidade animal, mas de algo totalmente distinto. Se a sexualidade é o investimento inconsciente de grandes conjuntos molares, é porque, sob sua outra face, ela é idêntica ao jogo dos elementos moleculares que constituem esses conjuntos em condições determinadas (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.388)





LEGENDA: Recorte digital da fotografia n°4 da fotoperformance seriada “Políticas Cade-las”. Arquivos digitais.

Política cadela. Perambulando pra cá e pra lá. Dando muitas voltas antes de nos deitarmos um pouquinho, conferindo a segurança do entorno. Sempre de orelha em pé pelo que possa acontecer de bom ou de ruim. Política cadela, nada de política cínica. A política cínica é a do poder. Cínicos são os poderosos, os homofóbicos que te espancam com um sorriso, os que sempre derrubam no parlamento tudo o que pode nos beneficiar. Cínico é o receio, a reticência, a desconfiança, a falsa igualdade, o asco dissimulado, a repugnância encoberta, o ódio camuflado, a homofobia com pele de cordeiro. Nós não somos cínicas. Somos transparentes como cachorros. Não fazemos rodeios. Não temos nada a perder. (Paco VIDARTE, 2019, posição 971)

A máscara aparece nas fotoperformances com o intuito de, ao mesmo tempo, esconder o rosto preservando aquele corpos trans não-binário do domínio público dos comentários que se vêem no direito de dispor e legislar sobre sua existência; e revelar o caráter libidinoso e parafílico que feticheiza corpos trans e travestis. Paradoxo de um país que consome exacerbadamente pornografia trans e travesti enquanto, na mesma medida exacerbada, lidera o ranking de assassinatos desses corpos, fora os epistemicídios cotidianos.

Com o intuito de fixar a identidade cis-heterossexual como norma, o poder farmacopornográfico relega as transgeneridades ao espaço do fetiche [...]. O gênero da transexual é lido como farsa, como truque. Inclusive, no Bajubá, que é o dicionário travesti, a expressão truque, bastante usada, faz referência exatamente ao processo de ocultação do pênis entre as pernas. Considero o fetiche dos corpos transgêneros um produto do poder farmacopornográfico que, na medida em que fixa a cisheteronormatividade, demarca as demais experiências como anormais, e, portanto, apreensíveis, apenas como fetiche, algo exótico, estranho, que não pertence ao campo do natural. (Letícia NASCIMENTO, 2021, p. 134)



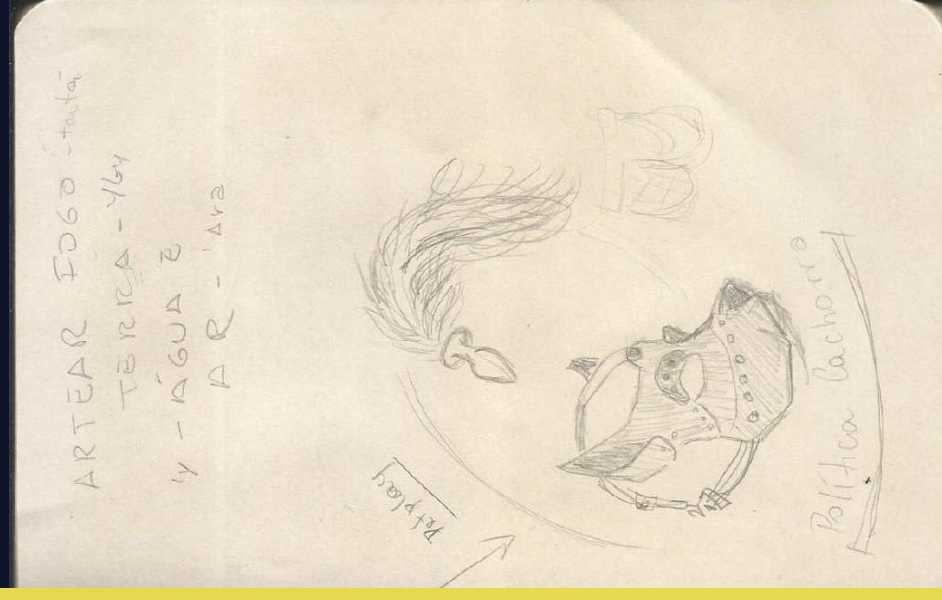
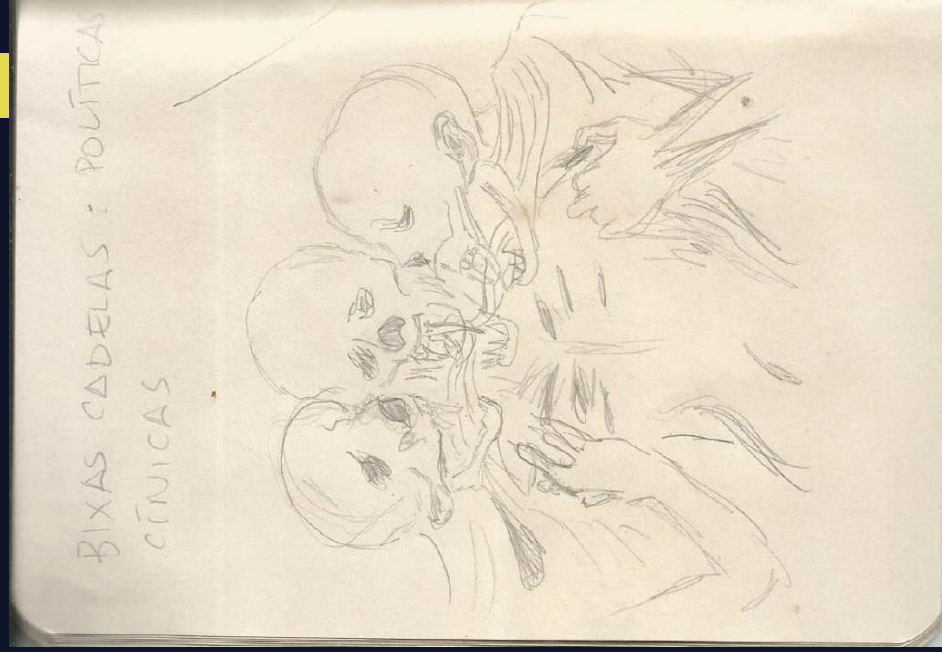
LEGENDA: Montagem de fotografia nº3 da fotoperformance seriada "Políticas Cadefas", Arquivos digitais.

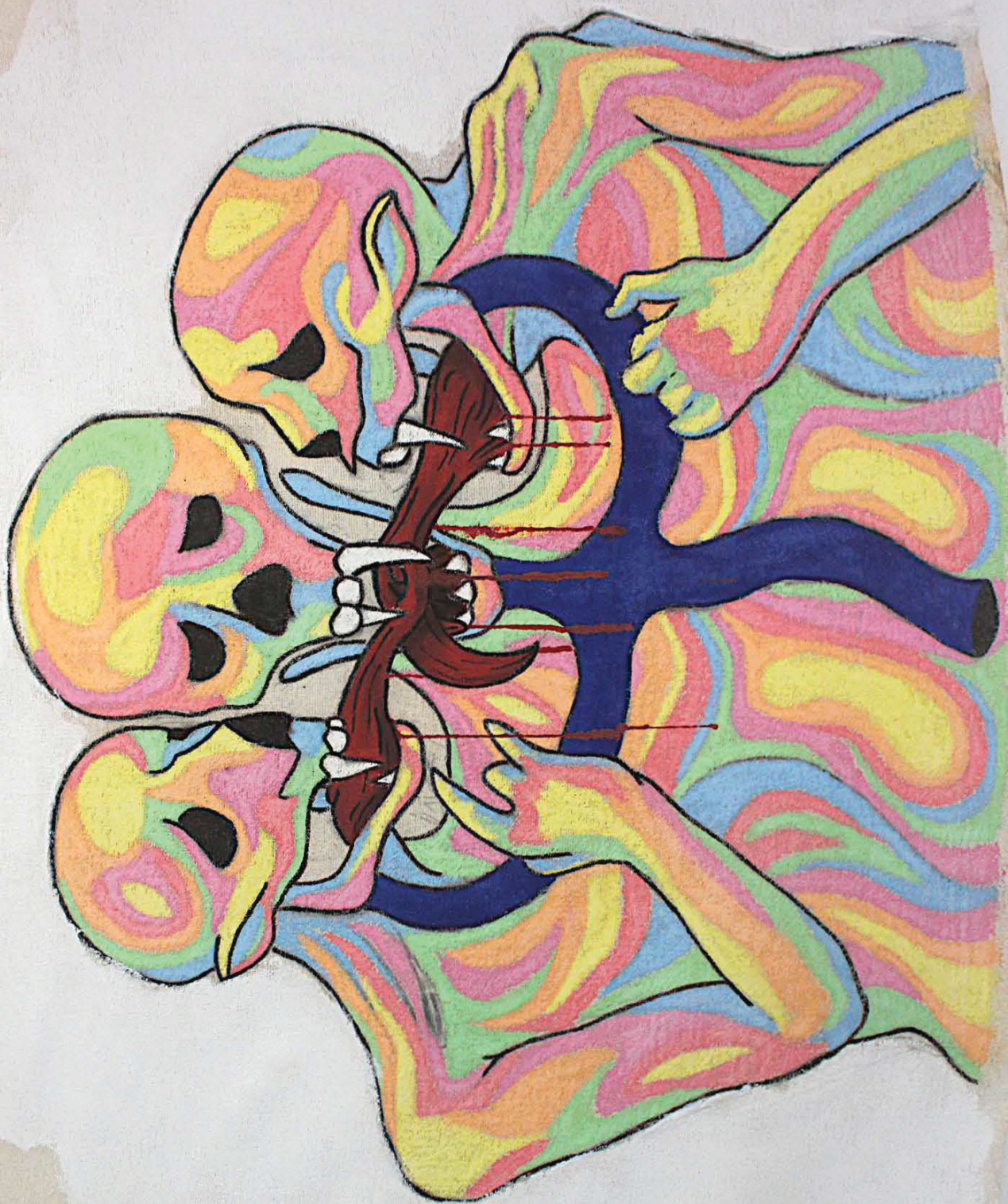
Três cabeças animais escalam do corpo que se autodevora, que vorazmente deglute os próprios órgãos. Pode dizer da estrutura edipiana tripla pai-mãe-filho que consome a vida que quer manter, que impede os fluxos de passarem pois já engoliu os canais, já suprimiu o desejo que produziria vida para passar em fluxos. Antropofagia do corpo que

esquece da potência da multiplicidade que lhe é imanente. Mas o três também pode ser apenas um número como qualquer outro, três cães que me atacam, portanto. Por vezes precisamos desinvestir dos simbolismos convencionais que nos levam a um entendimento linear de algo que simplesmente vem a ser.

As cabeças animais escalam de um corpo que devém cada uma em sua potência política de existir não produz outra coisa senão elas mesmas. “O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que devém” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 19). Dessa maneira se tramam alianças entre corpos e coisas, entre corpos e corpos, entre corpos e fluxos em simbioses que colocam “[...] em jogo seres de escalas e reinos inteiramente diferentes, sem qualquer filiação possível” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 19).

LEGENDA: Esboços de um devir-animal.





LEGENDA: Processo de produção da obra "Cerberus". Giz colorido de quadro e acrílica sobre tecido. Tam.: 71 x 156 cm.

Política cadela. Política para reduzir o sofrimento e os maus-tratos, a descriminalização, os insultos que nunca vão a julgamento. Política para conseguir um certo bem-estar para gays, lésbicas e trans sem ter que apelar para conceitos vazios, para categorias científicas, médicas ou biológicas, para direitos interessados, a natureza humana, a natureza da democracia, a igualdade, a paridade, para essencialismos e constructos ideológicos, pois tudo isso vem para encobrir um sentimentalismo ético arrepiante e desprovido da menor convicção ou determinação em resolver a homofobia para além do conforto das cadeiras do parlamento, onde ela também continua presente, confortavelmente assentada. (Paco VIDARTE, 2019, posição 980)



LEGENDA: Fotografias n°4 e n°5 da fotoperformance seriada "Políticas Cadelas". Arquivos digitais.

Política cadela desacreditada. Não acreditamos em nada. E menos ainda nas publicações essencialistas, junsaturalistas. Todos os essencialismos acabaram se voltando contra nós porque a bixa, a sapa, a trans são o que sempre fica fora de toda essência, de todo direito. Faça uma lei. A que você quiser. Construa um conceito. O que quiser. Faça-o da forma mais detalhada, mais ampla, mais abrangente que puder. Acabou? Pois olhe: você deixou de fora mais uma vez as bixitrans. (Paco VIDARTE, 2019, posição 985)

LEGENDA: Fotografia nº6 da fotoperformance seriada “Políticas Cadelas”. Arquivos digitais.



TORCER A VIDA COMO SE TORCE A
UMA TROUXA DE ROUPA ENSOPADA,
FAZER JORRAR OS LÍQUIDOS CORPO-
RAIS, LAMBER O SUOR DAS PREGAS,
DAR A SABER O QUE CENTRIFUGA
OS ÓRGÃOS INTERNOS, LIVRAR-SE
DELES ESTENDENDO-OS NO VARAL
DAS PALAVRAS SOLTAS, AO VENTO,
RETORCER O CORPOS RUMO À VIDA
EM FUGA ÀS POLÍTICAS DE MORTE.

TORÇÕES IMAGÉTICAS: crônicas de um corpos retorcido

Torcer e retorcer a si no mundo como corpos matéria viva, real e virtual. Matéria desdobrada por extratos, linhas, superfícies, elementos com os quais o corpos em sua mundanidade se faz parte de si, entre exterioridades, interioridades e um ir além dos limites que lhe é imanente. Um em “si” diagramado que se desdobra em afecções, produções desejantes, interrelações, alegrias, potencializações, padecimentos, entraves, desgastes e perdas, fluxos entre acontecimentos e devires e cria formas de resistir. Corpos dissidente, estranho, cuir, “composto de forças sorteadas[...] no qual a relação das forças componentes com o lado de fora não deixa de provocar variações na forma composta, sob outras relações ao sabor de novas composições.” (FOUCAULT apud DELEUZE, 2005). Corpos que se percebe transitante e não-binário, composto humano, com suas entranhas reviradas ao avesso, com os seus órgãos em processos de desterritorialização. “Figura na areia entre uma maré vazante e outra montante.” (*Ibidem*, p. 95).

Estando o experimentar (DELEUZE, 1997) próximo ao criar, este corpos, que agora se assume e expressa como corpos de torções, maneja certo caráter autônomo, no que se refere às materialidades artísticas com as quais trama imanência. E, sendo a imanência um campo, é nele que este corpos manipula as linhas que, aos poucos, ganham formas ou deformam-se. Linhas que desenham os movimentos e trânsitos deste corpos que se compõe como automontagem/cartografia/imagem, expresso aqui por linhas de escritas visuais e textuais.

Nos agenciamentos que compõem esta escrita, conceitos, imagens, performances, analidades, entre outros elementos confluem produções filosóficas que referem e refletem um corpos múltiplo e suas vivências. Expressa uma corporeidade transexperimentacional em constante produção de si, quando ramifica e conecta problematizações sobre como este *corpos* que se anuncia ao mundo por via de algumas técnicas visuais, que dão forma aos modos desta expressão que o materializam extraindo torções que deste derivam. Para tanto, faz-se o traçado cartográfico de um processo artístico que vem se utilizando de algumas práticas do sensível. Tais práticas referem a técnicas ligadas principalmente às artes visuais as quais, entre outras linhas deste plano imanente, vem compor estas “torções”. Pontos, traços, cores, texturas, tantos elementos que, ao comporem a imagem, expressam esse corpos cuir, o preenchem e ao mesmo tempo reverberam nas intensidades que perpassam corporeidades semelhantes.

Corpos que exposto por aqui numa performatização de si política e estética se deforma em novas formas percebendo-se sem órgãos, desorganizado-se dos organismos socioculturais que os limitam de fazer de si um *eso* (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Que não está previamente demarcado pela medicina, direito, biologia etc. Tal percepção se impõe modificando uma espécie de projeto original que lhe foi imposto.

Como disse Megg Rayara Gomes de Oliveira (2020, p. 88), “[...] os caminhos que uma bicha percorre, mesmo que num plano simbólico, se interseccionam com os de outras. Experiências individuais tornam-se coletivas quando encontram eco na experiência de outras”. Dessa forma, se torna possível entender que o corpos material, visual, imagético e conceitual que esta escrita traz, tem como ponto de confluência a interseção das linhas que o compõem, tramadas por via de experiências individuais que se entrecruzaram e reverberam em outras singularidades, que por vezes se coletivizam nesse movimento, produzindo torções, e noutras vivências distantes causam estranhamentos produzindo outros tipos de torções. Corpos objeto, sujeito, simulacro, procedimento de pesquisa, experimento artístico que evoca um outro não outremizado (Toni MORRISON, 2019), um que está entre o que se produz e o que devem nele mesmo em outro, sucessivamente desfolhando as bordas do que aparentemente se mostra comum nas experiências e nas visualidades que, em determinado momento se entrecruzam.

Corpos torção, torcido, desmontado, remendo que se expressa como se fosse todo um conjunto anátomo-filosófico desorganizado. Um *corpos* que é uma boca aberta, boca de esgoto, boca do estômago, boca do cu, bueiros destapados por onde jorram fluxos corporais de intensidades. Acesso venoso periférico por onde outros fluxos se fazem entrar para confluír no sistema aberto, rizoma, onde os “conceitos são relacionados a circunstâncias, e não mais a essências” (DELEUZE, 2013, p. 46). Corpos de multiplicidades imanentes que lhe habitam e perpassam.

Um ponto importante explorado por aqui é tomado de empréstimo de Didi-Huberman (2010, p. 37): “o destino do corpos semelhante ao meu, esvaziado de sua vida, de sua fala, de seus movimentos, [pode ser] esvaziado de seu poder de levantar os olhos para mim. E que, no entanto, me olha num certo sentido – o sentido inelutável da perda posto aqui a trabalhar”.

A questão do esvaziamento diz respeito ao que há de inevitável nas imagens. É importante ressaltar que a perda aqui posta não é categoria do desejo em sua relação com o que lhe falta, ao contrário, seguindo os entendimentos da filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), essa relação desaparece e dá lugar ao desejo.

O desejo coloca em movimento modos de ser, agir e estar no mundo; ou seja, é produto e produtor das relações que um corpo estabelece com as coisas materiais e imateriais, imagens, imagéticas e agenciamentos. Ele movimenta e se movimenta nas ramificações que o corpo faz e produz na inância do estar vivo. (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Entre e nestas ramificações, o corpo das imagens já não é um, mas muitos em um. Que se estende, se torce, se tensiona em linhas, contornos, superfícies, bordas, fios que se tecem e outros que são rompidos, corpos de intensidades. Embora nem tudo o que ele implica e compreende esteja reunido nessa torção imagética, ele refere e se movimenta, desviando das sensações e percepções que querem o deixar de fora. As noções de perdas postas a trabalhar pelas imagens são também cortes seletivos necessários para a sobrevivência do corpo de multiplicidades, uma vez que recolhe parte das afecções que o atingem enquanto corpos cuir. Afetos de tristeza, potências de padecimento, violências, perdas inevitáveis dentro do sistema fundamentado em preconceitos, etnocentrismos e intolerâncias provocam uma reatividade, um movimento em que as linhas torcidas se desenvolvem como força ativa (NIETZSCHE, 2008).

Se por um lado “[...] o desejo é máquina, o objeto do desejo é também máquina conectada, de modo que o produto é extraído do produzir e algo se destaca do produzir passando ao produto. O ser objetivo do desejo é real em si mesmo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 35); por outro, as imagens aqui elaboradas manifestam as produções desejantes de um corpo que se faz arte, mantendo a própria latência do desejo que propicia a produção de si. São movências em suas realidades imanentes. São imagens que se abrem para a observação e, ao mesmo tempo, perscrutam quem a observa, expõem a pessoa observada ao olhar incisivo, não por significar algo em específico e que lhe seja essencial, mas por ser imagem escrita viva que se desdobra em suas processualidades. Afinal, tal qual o corpo que se assume cuir se autoproduz em processo contínuo, no carregar e descarregar afecções, com e por estes afetos a linha relações “entre um todo e as partes, entre uma visibilidade e uma potência de significação e de afeto que lhe é associada, entre as expectativas e aquilo que vem preenchê-las.” (RANCIÈRE, 2012, p. 12).

No sentido foucaultiano (1999), de certa forma as imagens narram seus enunciados, buscando o não-dizível, mas enunciável, o visível e o não-visível do vivível, a tangencialidade de um momento e o intangível que uma imagem se detém em guardar. É intuito que se

operacionalizam linhas de conceitos, percepções e afetos de que as imagens falam e convocam ao diálogo. Imagens que vemos, imagens que nos olham.

Deleuze e Guattari (2011) trazem a noção de cartografia e de rizoma, explicitada no *Mil Platôs vI*, por entender que ambas as denominações referem a um olhar sobre uma dada realidade que se abre a observá-la como ramificada por uma sobreposição de campos que incluem, para além do concreto, o virtual, o subjetivo e o conceitual. Tudo é partilha de um mesmo mapa ou plano. Inseridos que estamos em ambientes, territórios, cenários, salas de aula, já não percebemos estes intervalares em sobreposição que compõem um panorama multifacetado, afeito da reunião de várias ordens. Visíveis e não visíveis, não possíveis de serem visualizados numa aparente unidade que se impõe no nosso cotidiano de observador. Dessa forma, experimentamos continuamente novos agrupamentos e arranjos para organizar, expressar e propor ordens de realidade, o que leva a desarticulação da percepção usual das relações que se dão entre as situações e as coisas. Nosso olhar não consegue observar como singular algo que está na ordem comum. Indica que nos distancie para desmontar as cenas e cenários aos quais somos adaptados e inseridos.

O processo que aqui se desdobra vai se instalando aos poucos, por etapas, linhas fragmentos, intervalos, montagens e desmontagem. Estas etapas sugerem que há algo que ainda não se sabe o que é, está indeterminado, embora já se constitua por vivências e experiências em um corpo transitante, cartógrafo, que monta e desmonta seus gêneros, que, nestas torções, produz seus questionamentos, suas inquietações. Corpos que remete a formações históricas sobre o comportamento dos corpos, mentalidades e entendimentos, que dizem deste corpo e sabem sobre ele antes mesmo que se expresse, que venha a ser no mundo.

Como disse Michel Foucault na *Arqueologia do saber* (2008b) e na *História da sexualidade 2* (1984), os comportamentos são visuais, porém, os entendimentos e as falas referem a mentalidades que, por sua vez, desdobram estratos que tem a ver com os regimes da verdade de uma época. Logo, há um hiato entre o que se vê e o que se diz, entre “as palavras e as coisas” (FOUCAULT, 1999), expressão que intitula uma de suas obras. Nela, Foucault diz que é distinto falar e esboçar/desenhar. Entre o desenho e a fala, há algo enunciável. Esse corpo torção que pede para ser cartografado, diagramado, esboçado, traz uma imagem prévia que o enuncia, que não é linear nem plana e remete a ramificações que o compuseram de sentido, expresso ou por expressar.

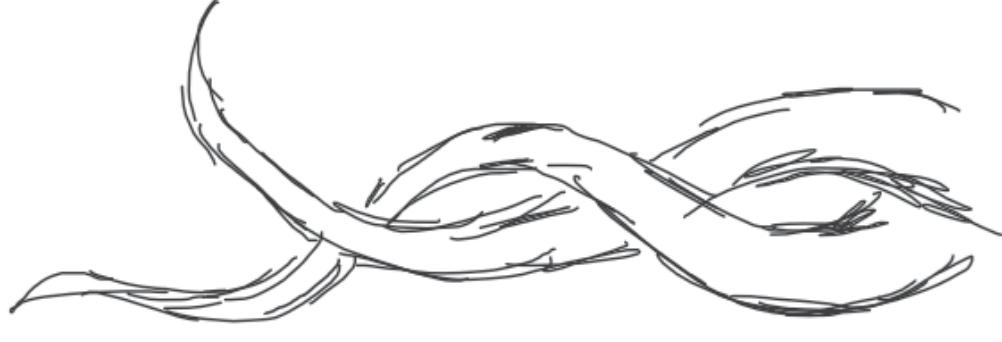
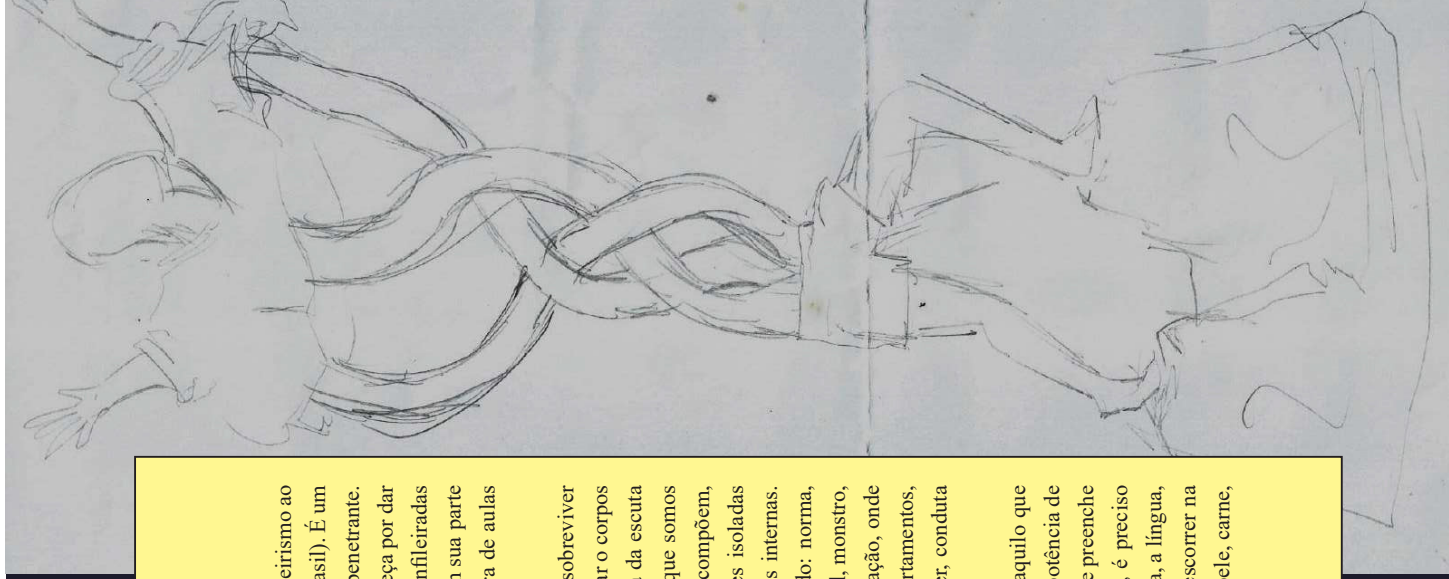
crônica de um retorcimento

Curitiba, 20 de abril de 2022. Faz frio na cidade, o que provoca uma sensação de estrangeirismo ao meu corpos nordestino, vindo de terras maranhenses (fora toda a xenofobia latente no sul do Brasil). É um dia qualquer de abril, quando o inverno ainda não chegou, com sua cor cinza e sua unidade penetrante. Algumas imagens rabiscadas conduzem a uma cartografia das expressões que meu corpos começa por dar a ver, a tornar visível o que percebe quando sentado em uma sala de aula, entre umas carteiras enfileiradas e outras dispostas em semicírculo. Minha mesa em diagonal com a cadeira serve de apoio, em sua parte inferior, para os pés que sustentam a sensação de cansaço que me habita em uma quarta-feira de aulas lineares, intensas e consecutivas.

A cabeça inclinada um pouco para a esquerda, tenta permanecer naquele momento e sobreviver aos devaneios típicos que interpelavam a matéria viva, fazendo a linha de fuga que tenta escapar o corpos do fluxo verborrágico da fala professoral. O pensamento insistia em sair da linearidade vinda da escuta do discurso posto em trânsito. Repetições condicionantes, partes de processos maquinicos a que somos socialmente, política e culturalmente submetidos. Torna-se perceptível que as energias que me compõem, estão sendo devoradas por intensidades discursivas, consecutivas. Capturo palavras e frases isoladas das falas que se enunciam, a se misturar com outras que despontam no imaginário das vozes internas. Montagem de algo outro, palavras, frases, enunciados foram se agrupando, se diagramando: norma, anormal, bicha, corrigibilidade, incorrigibilidade, aberração da natureza, indivíduo incorrigível, monstro, monstruosidade, degenerado, que roupas vestir, masturbação, patologia, erro genético e de criação, onde eu errei, prática médica, judiciária e pedagógica, padronização dos corpos, controle dos comportamentos, doenças, hermafrodita, deformidades do corpos, monstro sexual, só não vai querer ser mulher, conduta inadequada, vai morrer aidético. Fluxo ininterrupto. Afecção passiva. Força de padecimento.

“É verdade que a afecção passiva dá testemunho de nossa impotência e nos separa daquilo que podemos; mas também é verdade que ela *envolve* um grau, por mais baixo que seja, da nossa potência de agir” (DELEUZE, 2017, p. 255). Algo se retorce no corpos: nó no estômago, azia, o estomago se preenche de palavras ácidas; calafrios internos, inquietação, angústia. Corpos qual toalha encharcada, é preciso torcer, esmagar as fibras que o compõem, retirar o excesso de água, drenar, secar. Drenar a boca, a língua, os poros, as pernas, os músculos da face tramados, retesados, o suor frio que volta, corre e escorrer na pele que borda as suas tensões. A ansiedade nunca anuncia sua chegada, já está tramada, na pele, carne, ossos. Fuga ao banheiro para molhar o rosto, a pele, os poros, o corpos.

– Todo afeto de tristeza envolve também uma parcela de potência de agir – penso.



Os rabiscos são como abstrações imagéticas transfiguradas na forma do desfecho. O corpo jocoso da monstruosidade atravessa meu peito. Algo acontece, volta e espirala. O que se retorce? As linhas da arte se enrolam nas linhas da mão, adivinhação, destino, vida. A forma desenhada na tela acompanha o movimento dos órgãos em deslocamento. Burburinhos dos intestinos soltos e fatiados, enroscando os outros órgãos em seus tentáculos. Diferenciamos os órgãos, embora o corpo sucumba ao padecimento de cada um deles como um todo. Derretimento das calotas cerebrais que recusam polaridades, binaridades, dualidades restritivas e irrevogáveis.

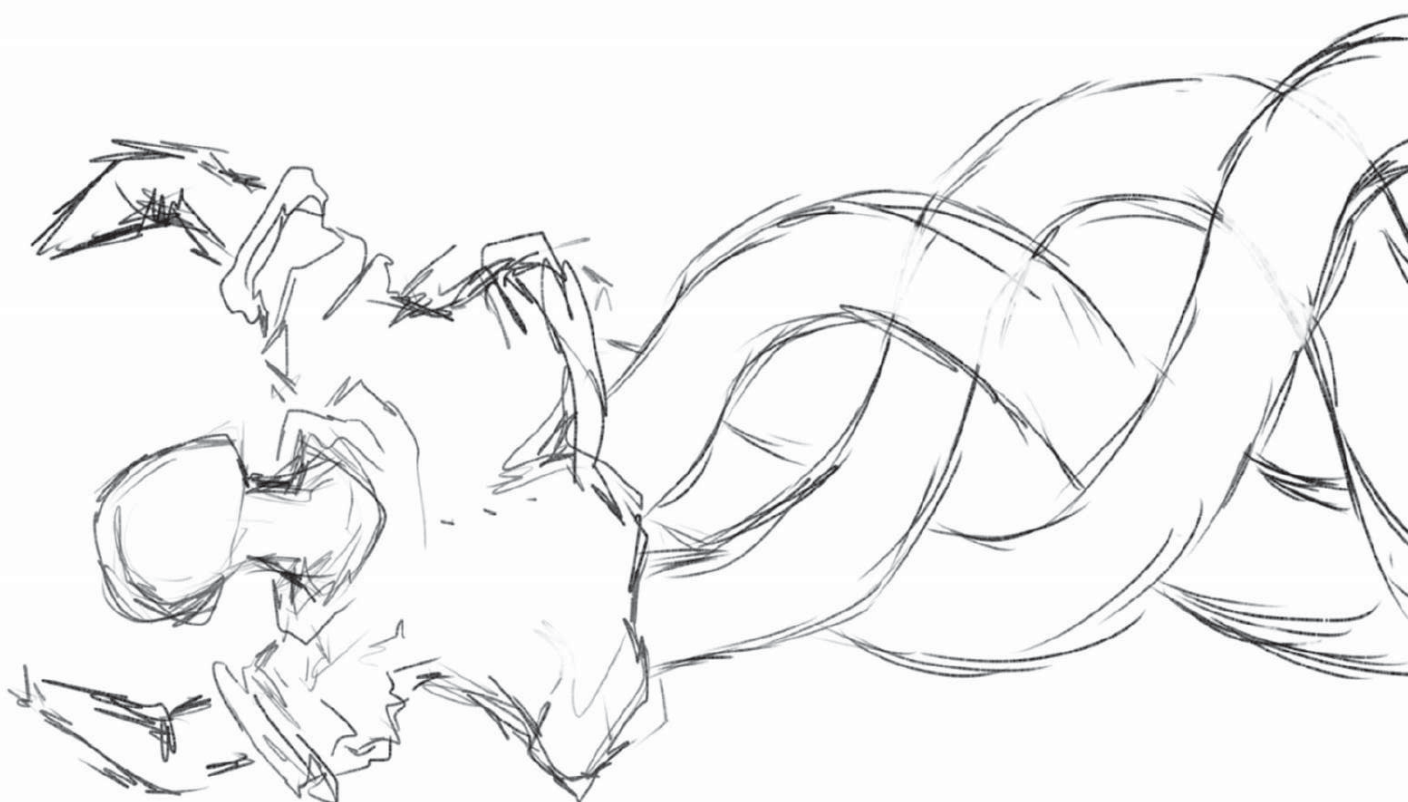
O fato é que nos percebemos entre os órgãos e sem eles, uma vez que não são todos visíveis. Existem porque as ciências os determinaram quando passaram a mapear nosso corpo internamente. E este conhecimento produzido sobre o corpo foi realizado despedaçando-o e desenhando cada órgão encontrado. Sua forma, imagem e função. Somos educados a nos perceber por partes, a imaginar que nosso interior, existam partes que se comunicam com outras, independentes de nossa vontade. O que nos afeta de fora para dentro, dispara emoções corporais, fluxos que vão emaranhando estes órgãos. Em um corpo artista tramam-se estes órgãos, enlaçados em matéria tremulante, viva, que busca nas imagens dizer deste vivível. Um mapeamento cartográfico destas linhas exigiria localizá-las internamente e torcidas, brotando para fora em imagem, que desborda a borda que a pele costuma emoldurar.

Assim vai se arranjando esta grafia de um corpo em torção, processo cartográfico que se propõe a permitir que um corpo artista se expresse, desfigurando as linhas que bordam os corpos entre gêneros e sexualidades. Por meio de esboços, desenhos, pinturas, poéticas, tridimensionalidades, narrativas e performatividades quer narrar um processo de produção que trata da relação entre educação e arte. Quer, em uma primeira linha, acessar o fluxo das palavras capturadas que o afetam e o compõem em paisagem corporal.

O corpo das imagens, posto a trabalhar suas próprias resistências em ressonância ao corpos de multiplicidades que as produz, reclama sua existência em fluxo como o de linguagem, de escrita, “um fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relação de corrente, contracorrente, de redemoinho com os fluxos, fluxos de merda, de esperma, de fala, de ação, de erotismo, de dinheiro, de política etc.” (DELEUZE, 2013, p.17).

Os rabiscos dialogam e a imagem se desenvolve do duplo enlaçamento para uma forma triplíce que presentifica um corpo, retorcido, entrelaçado, esticando-se ao limite de sua possibilidade. É quase audível o som da pele rasgando, da agonia auto infligida. Notebook aberto, rede conectada, na mesa alguns livros, anotações em rabiscos, é preciso montar a

LEGENDA: Esboço digital da obra “torções”.



proposta, potencializar a ação de produzir imageticamente e esrever: A ideia é usar palavras, conceitos e imagens, transcrição de aulas, notas de leitura, rabiscos. Imagens que se põem na tela em branco e dela impõem suas questões. Algo vai surgindo, linhas contínuas e descontínuas, fragmentos de linhas, linhas sobrepostas, irregulares, linhas diversas.

[...] há tipos de linhas muito diferentes, na arte, mas também numa sociedade, numa pessoa. Há linhas que representam alguma coisa, e outras que são abstratas. Há linhas de segmentos, e outras sem segmento. Há linhas dimensionais e linhas direcionais. Há linhas que, abstratas ou não, formam contorno, e outras que não formam contorno. [...] Acreditamos que as linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos. (DELEUZE, 2013, p. 47)

Ambos os esboços apresentados se produzem imageticamente no encontro das palavras proferidas durante uma aula sobre o curso *Os Anormais* de Michel Foucault (2001) com os segmentos de linhas representacionais de uma existência trans/viada, subjetivadas na minha corporeidade pelas marcas de poder (Guacira Lopes Louro, 2016) que são sobreescritas aos corpos dissidentes. Ao serem produzidas, tais imagens não só registram e desenham o cruzamento dessas linhas no mapa dos fluxos de intensidade (a imagem é ela própria um mapa transcriado desse encontro), mas também reverberam e afetam o ambiente ao seu redor. Causam sensações, instigam o fluxo de pensamentos, provocam reflexões, agriem os olhos de alguns e acolhem as questões de outros.... Agenciam processos educativos de diversas naturezas em suas potências de afecção.

entre o visível e o enunciável..

...se faz o resgate de alguns fluxos de enunciações que costumam ser propostas para referir ao corpos torção, múltiplo corpos imanente, de fluxo transitório, ainda em processo de designação, disjuntivo, que não possui uma imagem visual pré-concebida. Que, estando em processo constante de por vir, não deveria ser enunciado, uma vez que se faz torção, torcido entre o visível e o enunciável e em estado mutável, nômade, em devir, convoca um corpos não-binário, transitante, em movimento, que não se identificada com as representações de gênero e sexualidades que lhe são impostas. Por ser indefinível, ininteligível, provoca inúmeras adjetivações:

[...] **abominável, anormal, asqueroso, arrombado, arrombador, aberrante, assassino, arruaceiro, ameaçador, afetado, afrescalhado, alitéico, afeminado, bagaxa, bejilador, barbie, beel, bibinha, biba, bicha, bicha bacana, bicha sucesso, bicha louca, bichona, bichola, bichola de merda, bichinha, bicha pão com ovo, bicha desntrida, bicha escrota, bicha velha, bicha má, bicha quá quá, bichoso, besha, bee, boiola, baitola, contrário à natureza, corruptor de jovens, cocudo, desmunhecado, doente**

da alma, **demoníaco, diabólico, debochado, degenerado, devasso, desavergonhado, desviado, desenfreado, efeminado, encubado, entendido, escandaloso, extroquista, exibicionista, fanchono, fresco, fornicador, frutinha, galinha, gay, gayzinho, gayzão, gilete, homófilo, homem-mulher, impróprio, indecente, invertido, infamante, infame, imoral, ignoto, inapto, incorrigível, insolente, Joaquina do Rossio, louco, louca, libertino, libidinoso, macho-fêmea, monstro, maniaco, malandro, medonho, mariquinha, maricona, mulherzinha, mulher paciente, moçoila, mona, morde frouha, mão quebrada, necrófilo, Neusa, ninfomaniaco, onanista, panquea, pederasta, perigoso, pecador, pecador nefando, praticante da sujidade, pelintra, perturbador da ordem moral e da ordem pública, prevariador, pelotudo, pinto, pintoso, putinha, putinha, queima-rosca, roto, safados, saturnianos, sodomitas, sem vergonha, santa, satírico, tia, transviado, traidor da pátria, rapaz alegre, urso, uranista, vadio, viado, viadinho, viadão, violentador de homens e viciado. [...] **aberração da natureza**, almoädinha, baba frouha, balde, bagaccira, **bambi**, Bernardino, boão de camisa velha, **boneca**, bundero, chabi, chibungo, cietriz na nuca, cona, **cu de galinha**, choco, culero, **escória da sociedade, essa coca é fanta**, fanta uva, frango, flip, gaúcho, grupo de risco, lobishome, Maria flor, menino dama, pit bicha, papa merda, pula-pocinha, puto, putim, proscrito, **qualira**, ré no quibe, seu piru, tarado da linguíça, travesgay e **transvertido** [...]. (Megg Rayara Gomes de Oliveira, 2020, p. 76-77, grifos meus)**

fluxos de palavras como fluxos de memória e esquecimento

A lembrança agiganta a forma desenhada na tela, um corpos (humano?) se prolonga para o alto. Busca acima de si um respiro da maresia moral que sufoca, algo para não se perder entre os dilemas éticos que suscita. Os tantos grifos que se destacam na formatação do texto corrido e sem pausa da citação acima são apenas um fragmento, uma amostragem das palavras que, em algum momento da vida, já ouvi direcionadas a mim ou a outras corporeidades dissidentes que me rodeiam. Adjetivos que precarizam os corpos, os retorcem, deformam, ignoram suas potencialidades.

Exatamente por não se deixar definir, este corpos manobra outras forças do sensível que podem conduzi-lo a ir mais além. “Ir ao extremo do que se pode é a tarefa propriamente ética” (DELEUZE, 2017, p. 300). E o que pode o corpo diz sobre “[...] a natureza e os limites do seu poder de ser afetado” (*ibidem*, p. 240), “[...] que se acha necessariamente e constantemente preenchido pela relação desse ser com outros” (*ibidem*, p. 300). Estas adjetivações ressoam como sonoridades que interpelam a pele, os órgãos, as expressões, sentidos, sensações de um corpos que, indefinível em seu gênero e sexualidade, é pessoa, possui progenitores, paga impostos, ocupa espaços de ensinar e aprender com a arte. E um corpos torcido, que vive suas próprias torções, deformações, insurgências, porém é produzido e produtor de novos sentidos.

* O próprio corpo é ele próprio
conhecimento corporificado

* Adaptabilidade

↳ muito do que a pele, a roupa,
mas também, o corpo mostra
crítica, comunicação, elaboração,
criação

* Representatividade

#Normas contradições

* Diversidade de estabelecidos em
processos reconhecidamente instáveis
(educação, improvisação...)

* Ser que tem disponibilidade para o
encontro e estranhamento

* A falta de preparo e o mito do
professor especialista

* Tensão que gera conhecimento
pelo movimento

LEGENDA: pensamentos anotados em junho de 2022

LEGENDA: Processo de produção da obra "torções", óleo sobre placa de acrílico,
tami.: 24,5 x 75 cm, 2022.

LEGENDA: Transbixia não-binária comunicando os priórdios de sua pesquisa.



Nesse movimento, o corpo da imagem se estica ainda mais. Longilíneo, e ainda retorcido, ganha novas formas, incomoda-se e movimenta suas partículas buscando outras configurações de si. Continua a galgar o espaço de respiro, invisível como o ar, que paira acima de sua cabeça, mas agora projeta duas mãos que tateiam o vazio. Esvaziamento produzido no desejo de estar de volta ao Maranhão, agora intangível pelas casualidades da vida. A terra se presentifica no corpo que se alonga em movimento ascendente, estica-se do sul ao nordeste. Desterritorialização. Desregionalização que cruza uma multiplicidade de territórios. O gesto sobe ainda mais a camisa e revela um seio farto, feminilidade do corpo-terra que se revela e reclama seus lugares a todo custo, matripotência que se tenta silenciar, mas que grita sua existência, acolhe e nutre escancaradamente os que dela necessitam.

É importante chamar a atenção para o conceito de matripotência que aqui se intersecciona, trazido por Oyèrónké Oyèwùmí (2015), parte de uma noção completamente diferente de gênero que não as produções euro-estadunidenses, mas sim de uma epistemologia Yorubá não generificada pelos binarismos unívocos tal qual, geralmente, levantamos nos debates de gêneros e sexualidades. “A Matripotência descreve os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de Iyá. A eficácia de Iyá é mais pronunciada quando considerada sua relação com a prole nascida” (*Ibidem*, p. 58, tradução nossa). Em suas traduções, o termo Iyá (mãe) se perde nos constructos ocidentais dos gêneros que subjugam o feminino ao masculino, onde o “[...] gênero é socialmente construído como duas organizações hierárquicas, categorias binariamente opostas em que o masculino é dominante e superior, e o feminino subordinado e inferior” (*Ibidem*, p. 58, tradução nossa).

Iyá é, nessa interseção, a linha de fuga da feminilidade que existe por si só, sem depender de um oposto que a concretize e hierarquize. Potência matriarcal não generificada. É a memória que o corpos-terra evoca, devir mulher em toda sua força e potência, acolhimento materno, nutrição vital de sua prole, “[...] as Iyá estão conectadas com toda a sua prole de maneira similar, sem qualquer distinção pelo tipo de genitália que ela possa ter” (*Ibidem*, p. 59, tradução nossa).

Reassumindo o corpo imagético que se desenvolve, pernas se prolongam nas extremidades inferiores de dois dos blocos de torção. No terceiro, um falo caído fala de sua condição não definidora, mas sim do seu cansaço em ser o órgão pensante de masculinidades viris e tóxicas; insiste na dupla existência de gêneros que se transformam e desequilibra as noções restritas dos papéis predeterminados. Não há chão onde pisar, os pés disformes tateiam o vazio abaixo como fazem as mãos acima. Equilíbrio precário. Não há base sólida de onde se edifique o corpos generificado, nem um direcionamento único que se construa de baixo para

cima ou de cima para baixo. O que sustenta o corpos no ar são os fluxos que o cruzam, as linhas que o envolvem, os blocos de estratificação que o compõem. A imagem executa suas “[...] operações que vinculam e desvinculam o visível e sua significação, ou a palavra e seu efeito, que produzem e frustram expectativas” (RANCIÈRE, 2012, p. 13).

Depois de ter seus órgãos transvazados no último esboço, prefigura-se agora uma totalidade da forma que, apesar de organizada de maneira figurativa, abstrai e desorganiza o pensamento, suspende o tempo-espaço espiralando suas feições, propondo múltiplos caminhos a serem seguidos e abandonados. Apesar da forma fechada, é preciso enxergar mais além, nas sutilezas das fissuras por onde o corpos ainda vaza, nas ranhuras e perfurações por onde outras afecções entram e saem. Porosidade corpórea. Emaranhado de maranhensidades que se faz e desfaz nos demais territórios por onde passa. Suspensão corporal em que os ganchos são os próprios fluxos atravessados e os estratos sobscritos.

É dessa maneira também que essa escrita se põe, maquinicamente, em movimento constante, na impossibilidade de certezas e verdades absolutas, relativizando e problematizando as normas que estão postas, principalmente no que diz respeito a corpos cuir, dissidências, diversidades, gêneros e sexualidades. Por aqui se provoca ainda a reflexão sobre que perspectivas a educação de hoje continua a adotar ou abre mão, até onde vão os limites da formalidade cartesiana do sistema educacional e como o próprio corpos agencia seus processos (auto)educativos nos deslocamentos que realiza e nas afecções que opera, trazendo “[...] conceitos e provocações que nos permitam, de novo, pensar a educação, desalojando-nos de nossas falsas certezas” (Silvio GALLO, 2017, p. 11).

Quando eu falo “Educando com o Cu” eu acredito muito que isso não veio do nada, as minhas últimas leituras têm passado por travestis que teorizam propostas semelhantes, como a Thiffany Odara, em Pedagogia da Desobediência. Desobedecer o sistema é uma forma de travestilizá-lo, porque ele não foi feito para uma travesti. Quando estamos no ensino fundamental ou no ensino médio, somos completamente excluídas desses espaços, mesmo que não diretamente cria-se todo um sistema educacional que torna insustentável nossa permanência e que nos expõe. A educação com cu tem relação com essa negação que a Thiffany fala das travestis nesse ambiente escolar.

Prática de Docência: estágio desenvolvido na disciplina optativa CULTURA E CIDADE – TPC 243 - Noturno – 2022/2023 - 2º Semestre - Início: 20/10/2022 - Fim: 16/02/2023, pertence no Curso Tecnólogo em Produção Cênica do Setor de Educação Profissional e Tecnológica/SEPT da Universidade Federal do Paraná/UFPR. O componente curricular possui a carga horária total de 30 horas e foi supervisionado pela Prof.^a Dr.^a Claudia Madruga Cunha.

amor e o carinho, o modo como vivemos em nosso corpo, o modo como tentamos separar a mente do corpo.

Hoje em dia, nem o ensino nem o aprendizado são muito apaixonados na educação superior. Mesmo quando os alunos anseiam desesperadamente pelo toque do conhecimento, os professores têm medo do desafio e deixam que sua preocupação com a possibilidade de perder o controle sobrepuje seu desejo de ensinar. Ao mesmo tempo, aqueles entre nós que ensinam as matérias de sempre do mesmo jeito de antigamente encontram-se, muitas vezes, interiormente entediados – incapazes de recender a paixão que sentiam outrora. No ensaio “Learning to Live”, sobre pedagogia, Thomas Merton afirma que o objetivo da educação é mostrar aos alunos...

254

Ensinando a transgredir

Entrando na classe determinados a apagar o corpo e nos entregar à mente de modo mais pleno, mostramos por meio do nosso ser o quanto aceitamos o pressuposto de que a paixão não tem lugar na sala de aula. A repressão e a negação nos possibilitam esquecer e, depois, buscar desesperadamente nos recuperar, recuperar nossos sentimentos

A educação deve se caracterizar como instrumento fundamental nos processos de socialização e valorização das diferenças, pois é de grande importância trabalhar as pluralidades existentes no âmbito social. (Thiffany ODARA, 2020, p. 90)

Não, foco no ambiente escolar, mas penso na educação como um todo, que propõe: três educacionais estão sendo usadas à frente nas p's em educação pelo país? Que modelo ainda pautam o pensamento educacional? Algum deles é considerado?

essenciais para a garantia dos direitos humanos sociológicos que trazem as possibilidades das diferentes naturezas; conhecem que trazem o estudo da alteridade, ou se se reconhecer como indivíduo em sociedade que traz consigo uma história; os conhecer que possibilitam discutir dados, distribuições oferecendo assim, subsídios para a compo nentes culturais e populacionais do país; psicológicos e pedagógicos que possibilitam cazes contra a discriminação e o medo, aliorados pelo o “desconhecido e o diferente.

Para entender o real papel da diversidade no contexto educacional, o educador deve assumir posturas e discursos que valorizem a todos. Sobre isso, Santos (2004, p. 06) pontua que:

- Maturidade do profissional em busca de um trabalho efetivo, de uma vivência para a construção do conhecimento;
- Capacidade de desenvolver recursos próprios para lidar com a frustração de estar limitado quanto às possibilidades;
- Conhecer o aluno para educá-lo.

LEGENDA: prints de destaques e notas pessoais nos textos/livros: “Educando com o cu: introdução às pedagogias do corpo e do prazer” de Tertuliana Lustosa (2023); “Pedagogia da desobediência: travestizando a educação” de Thiffany Odara (2020) e “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade” de bell hooks (2017).

DESEEDUCAR OS CORPOS PARA EDUCAR A VIDA

Como havia dito anteriormente, a proposta aqui desenvolvida foi a de se autoinvestigar em processos artísticos-educacionais a partir das situações e circunstâncias que aparecessem no decorrer desse período de mestrado. Como criar para si um *eu-il*⁶⁰? E nos territórios que compõem o entendimento educacional? De que forma esse corpo é afetado pelo mundo e como ele o afeta? Como resistir às políticas de desencantamento do mundo e dos corpos e manter um fluxo vital ativo? Os corpos marcados socialmente precisam falar somente de seus marcadores?

Tecendo os espaços acadêmicos e cotidianos com o corpos em desgenerificação é que teço as tramas de uma escrita cada vez mais poética, na tentativa de dar conta da complexidade das dimensões desejantes de corpos dissidentes de gêneros e sexualidades (pelo menos dos desejos que movimentam meu corpo e que reverberam em experiências similares) principalmente que adentram o ambiente acadêmico. Como diz Luiz Rufino (2021, p. 71) “afinal, a lógica colonial é escassa de poesia”. Assim, se faz necessário “desatar os nós dos corpos que se acostumaram a permanecer tensos e em prontidão para a batalha” (Ibidem).

Deixando um pouco de lado a prontidão e o imperativo de produtividade ininterrupta, me pergunto quando se decidiu que o prazer não fazia parte dos processos educacionais? Tertuliana Lustosa (2023, p. 186) tira essa provocação do eu e diz que “[...] quando falo que precisamos educar com o eu estou falando de educar com alternativa, que no meu ver é o prazer. O prazer é uma forma de educar.” Ela traz esse posicionamento como forma de resistir a um sistema educacional “[...] que nos oprime, que reforça o racismo, a transfobia, a homofobia, o etnocentrismo, uma série de estruturas que vão tornando a experiência pedagógica completamente desgastante e a sensação de expulsão é permanente para pessoas trans, por exemplo.” (Ibidem, p. 186)

[...] aprendi com o exemplo de professoras ousadas e corajosas [...] que a paixão tinha sim um lugar na sala de aula, que Eros e o erótico não tinham de ser negados para que o aprendizado acontecesse. Um dos princípios centrais da pedagogia crítica feminista é a insistência em não ativar a cisão entre mente e corpo. (bell hooks, 2017, p. 255-256)

bell hooks não dissocia o ambiente escolar da vida cotidiana, ao contrário, evidencia como um tem implicações sobre o outro. É a partir desse pressuposto que também penso o corpos, existindo em sua multiplicidade de fluxos que o atravessa, compõe e decompõe, como espaço próprio do educar. Assim, as autonarrativas que trouxe em toda esta pesquisa transitam entre ambos os espaços educacionais, tanto nas experimentações

brincar com as
normas acadêmicas
& de gênero para
descolonizar corpos
e modos de pensar

uço explorado nos debates
nialismo como principal
projeto de mundo susten-
tado na lógica colonial submete a criança à condição de
subordinação de um modo adultocêntrico. A meu ver,
uma das principais características que firmam o caráter
de uma lógica dominante, sendo também centrada no
adulto, é a perda da brincadeira como estado matu-
rial do ser. Como a existência é parte de uma natureza
brincante, ela é conduzida como desvio na medida
em que brincar não é coisa para adultos, e ser adulto
é a condição a priori desse mundo que não brinca —
somente produz, consome, descarta e visa o lucro.

Por que brincar? A brincadeira invoca um reposi-
cionamento do ser via corpo, memória, afeto, comu-
nidade, partilha e inacabamento de si. Brincar não
é apenas algo reduzido a uma determinada experi-
ência, mas uma libertação da regulação submetida
a esses aspectos que compõem o seu ato. Para um
mundo que investe na dominação e alteração das
formas de se usar o corpo, invocar a memória, sentir
o afeto, viver a comunidade e tecer a partilha, a brin-
cadeira como expressão da liberdade do ser é um ato
de descolonização.

Para a última dobra desses escritos eu escolhi falar
da brincadeira e das/dos brincantes de todas as idades
que tanto me inspiram. Acredito, pois cultivo um jeito
gaiato de tramar a esperança como plano infalível, que
a rebeldia e a inconformidade diante desse mundo

A lógica colonial
é escassa de
poesia.

susido não sejam
de amor e fúria, ma
cadeira. Afinal, a ló
Dribles de corpo, gargalhadas, esconderijos, invenções
mirabolantes, bодоques, bexigas d'água, exércitos de
pés sujos e dedões arrebatados nos paralelepípedos
são sempre bem-vindos para ajudar a desatar os nós
dos corpos que se acostumaram a permanecer tensos
e em prontidão para a batalha.

“Não seja atrevido e nem despeitado, o que eu
faço sorrindo você não faz zangado”⁶³. Simbora, saia
desse quadrado que você acredita que lhe pertence
e venha para a roda. Afinal, brincadeira boa é a de
roda. Terá quem ache que eu estou pregando peça,
que seja um tanto brinçalhão em falar de descolo-
nização como inscrição feita por um transborda-
mento brincante. Como se os efeitos coloniais não
penetrassem nas múltiplas dimensões da existência,
deixando marcas profundas na cognição e nas subje-
tividades. Nesse sentido, a brincadeira emerge como
força de exploração das linguagens e inventividades
que foram esterilizadas pela adulteração do ser —
que, agora adequado ao que o regime colonial espera
dele, esqueceu de brincar. Me digam vocês, o que a
criança faz quando quer explorar o mundo, inven-
tá-lo e se lançar na experimentação das aprendiza-
gens possíveis? Ela brinca.

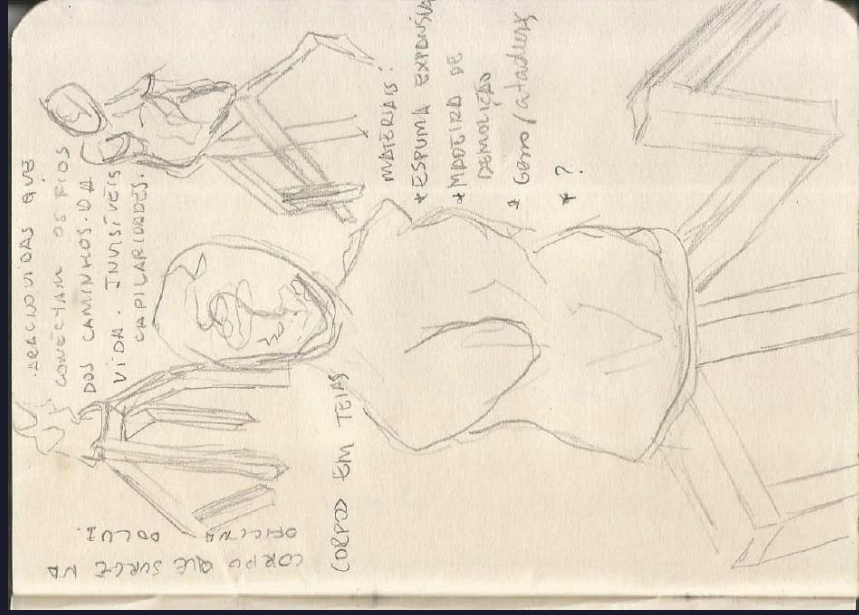
⁶³ Verso das rodas de capoeira.

70

71

LEGENDA: print de destaques e notas pessoais no livro “Vence-demanda: educação e descolonização” de Luiz Rufino (2021).

dentro do ambiente formal acadêmico-escolar quanto nos encontros e afecções do dia-a-dia de minha corporeidade cuir em relações constantes de ensino-aprendizagem. Para exemplificar o que venho dizendo mais um relato se sucede, agora sobre a experiência de estágio de docência que pude ter no decorrer do mestrado.



LEGENDA: Rabiscos pessoais, projeções de obras e exercícios de escrita criativa.

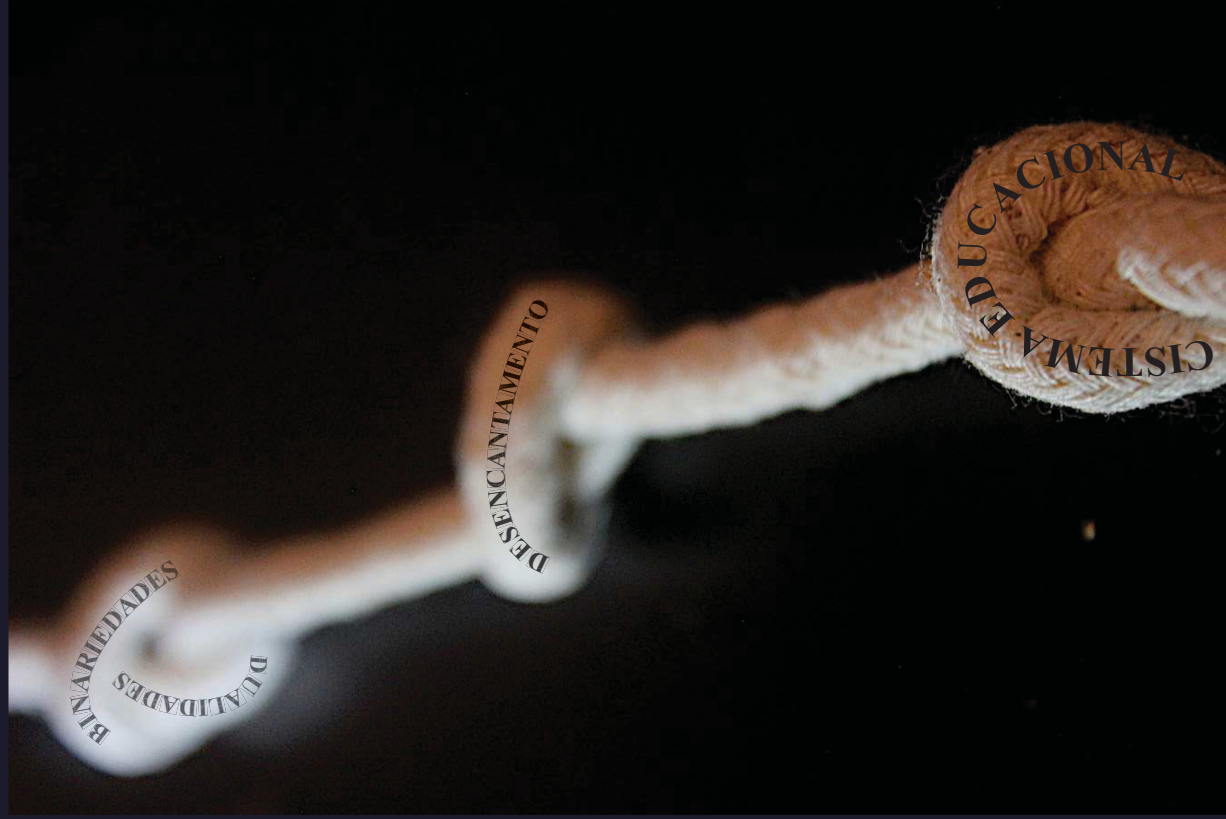
desatando um nó: prática de docência

Em meados de agosto de 2022 minha orientadora aparece com uma proposta de dar aulas junto a ela no curso Tecnólogo em Produção Cênica no SEPT/UFRP e, de pronto, aceitei o convite. O componente curricular era chamado Cultura e Cidade, mas a primeira ideia foi desobedecer o que estava programado, travestilizar os conceitos como Thifanny Odara (2020) vinha me falando por sua escrita. Como ao final daquele semestre haveria o “Drag Vrau: Seminário de Produção Cênica”, com o aval da orientadora, pensamos outros modos de aproximar as temáticas centrais da disciplina a conceitos pertinentes ao seminário e mais próximos de minha experiência enquanto pessoa pesquisadora das temáticas de gêneros e sexualidades ruidosas, inserido principalmente no vasto campo das Artes. A ideia era tratar da temática central de forma mais aprofundada, ainda que com um recorte muito específico, para ampliar os repertórios e pensar outras possibilidades e aproximações.

Intentando localizar a produção de nossas corporeidades generificadas no seio da cultura, as reflexões vagaram pelos conceitos de masculino e feminino, pelos papéis sociais a serem presumivelmente adotados de acordo com o gênero, pela noção de heterossexualidade compulsória e da necessidade de “coerência”, de inteligibilidade do gênero performatizado (Judith BUTLER, 2003). Pelo entendimento do funcionamento do Dispositivo de Sexualidade foucaultiano (2017), pela crítica à regra que não prevê a diversidade e exclui as diferenças. Pelas linhas de fuga dos corpos desnaturalizados de uma biologia naturalizante, pela não-binariedades e corpos de gêneros fluidos. Pelos exercícios de poder, pela fabricação do corpos exposto na figura da drag-queen, pelo exercício reiterado de manutenção das normas regulatórias estabelecidas socialmente para os gêneros e sexualidades. Pela percepção do corpos estranho (aqui frisamos principalmente pessoas trans e travestis, com um certo enfoque em pessoas artistas) no meio cultural e seus modos de sobreviver à cidade, entre tantas outras pontuações que foram retomadas a todo momento no decorrer das aulas. Retorno na diferença.

A biologia permanece inalterada como essência pré-discursiva de nossos corpos, fazendo emergir gênero como categoria cultural e histórica forjada por meio das relações de poder. A partir de produções pós-estruturalistas e da teorização queer, essas fronteiras entre sexo e gênero puderam ser redesenhadas. (Leticia NASCIMENTO, 2021, p. 95)

Tazer o enfoque principal da disciplina para as existências trans e travestis correlacionadas com o tema Cultura e Cidade pode ter soado como uma surpresa para a turma, mas logo a empolgação tomou o lugar das dúvidas e hesitações particulares e a recepção da proposta foi bem



LEGENDA: "Nós de nós mesmos", intervenção digital sobre fotografia. Arquivo digital.

positiva. No primeiro encontro com a turma, a maioria das falas denunciava um desconhecimento de pautas específicas trans e travestis, mesmo com um percentual relativamente alto de pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades, cis, participantes. Por conta disso fizemos uma introdução bem basilar aos estudos cuir e de gênero, o que ajudou bastante aos estudantes perceberem que sabiam muito mais sobre o assunto do que se creditavam.

De forma rizomática nos apropriamos dos conceitos de gênero, sexualidade, cultura e cidade numa perspectiva relacional, conversando a cada aula sobre nossos cotidianos, sobre nossas experiências e os encontros de nossos corpos com o mundo antes mesmo de chegar no espaço da sala de aula. "A educação feminista para a consciência crítica se arraiga no pressuposto de que o conhecimento e o pensamento crítico na sala de aula devem informar nossos hábitos de ser e modos de viver fora da escola" (bell hooks, 2017, p. 255-256)

Também experimentamos o rizoma no próprio conjunto intensivo de todas as aulas, nas quais pontos trabalhados em uma aula, conectavam com a seguinte e/ou anterior, ampliando e espiralando as questões pontuadas. Dessa maneira, fomos fazendo uma interconexão onde cada uma das partes coexistia, tanto no agrupamento das ideias reunidas como na singularidade de cada aula.

Procuramos manter um diálogo mais aberto e afetivo durante toda a disciplina, exercitando uma escuta ativa para as dores que os conteúdos programáticos poderiam suscitar em cada uma das pessoas participantes e entendendo que, a partir de nossas dores, conseguimos encontrar pontos de apoio mútuos como propõe Vilma Piedade (2017) em seu conceito dororidade. Mas, vale ressaltar que essa perspectiva também esconde um perigo inane que instaura um imperativo compulsório sobre corpos dissidentes (pessoas negras, indígenas, trans, travestis, não-binárias, gordas, pessoas com deficiência, etc.) que determina que suas falas só podem ser validadas se partirem de seus próprios marcadores, de suas dores, de suas lutas cotidianas, das situações adversas que esses corpos enfrentam diariamente. "De fato, a dor aproxima, mas precisamos explorar outras formas de vinculação com igual potência para alcançarmos plenitude de vida." (Bárbara BORGES; Francinei GOMES, 2023, p. 19).

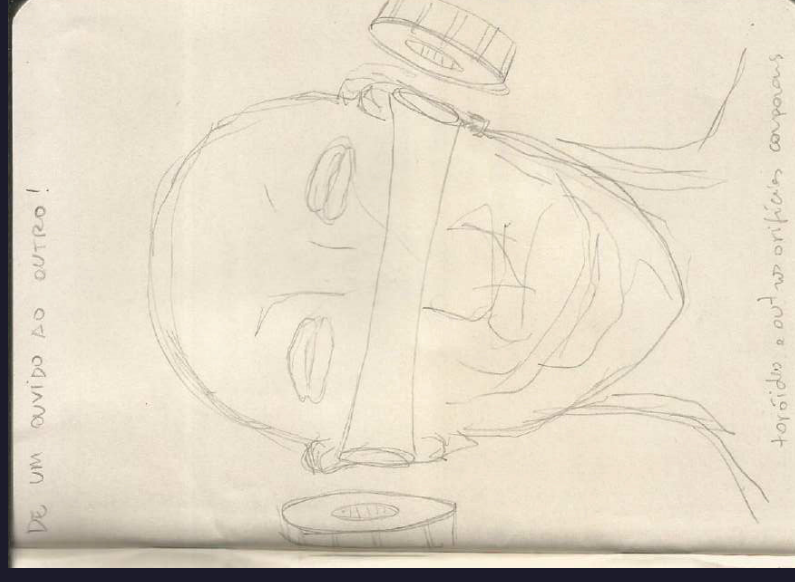
Somos um povo marcado pela angústia não-cuidada e tragédia não elaborada. Isso, somado à ausência de senso de comunidade, tem dificultado que sigamos em frente. Os binômios que associam identidade negra a sofrimento, violência e morte precisam ser identificados, questionados e revogados em nossa subjetividade e coletividade. [...] É preciso que, individual e coletivamente, consigamos construir novas conexões entre nós, a partir de crenças e emoções que nos permitam experimentar a esperança, coragem e união. (Ibidem, p. 21).

Corpos dissidentes só falam de seus marcadores se assim o quiserem. Somos tão potentes

e capazes quanto qualquer outra corporeidade socialmente normalizada, e ocuparemos cada vez mais todos os espaços que desejarmos. Digo isso trazendo outro exemplo fora do contexto do estágio de docência, pois acabo de recordar um comentário que ouvi de uma professora do corpo docente do PPGE-UFPR. Ao apresentar os caminhos desta pesquisa em dada disciplina, recebi uma fala indicando que ela não havia compreendido absolutamente nada e que tinha se angustiado com a pesquisa. Como a maioria das pessoas que se valem do pacto de branquitude (Cida BENTO, 2022), na tentativa de justificar suas violências, comunicou ainda que se tratava de uma limitação dela. Ainda assim, após o cinismo dessa fala acrescido de um “espero que você me entenda”, precisei ouvir que meu lugar não era na academia, já que era um ambiente que me adoecia tanto, e aqui tento amenizar o que foi dito porque me foi um momento de violência muito grande. Essa tipo de fala evidencia os desejos mais profundos de um corpo docente que insiste em se manter branco e sem diversidades de corpos e gêneros. Assim verborragizam racismo, transfobia, homofobia, lesbofobia, gordofobia, xenofobia e todo tipo de preconceito na tentativa desesperada de manter um status e dar continuidade aos exercícios de poder através de um epistemicídio de corporeidades que ela mesma outremiza (Toni MORRISON, 2017). Apesar da dor da violência sofrida, fiquei igualmente contente em alcançar um dos objetivos de uma pesquisa que se propõe múltipla e política: fazer a branquitude se incomodar e quiçá se perceber nesse lugar, para não perder as esperanças.

Retornando à prática de docência, corpos e espaço foram temas também muito discutidos. Do corpos artista (Christine GREINER, 2005) ao corpos que não aguenta mais (David LAPOUJADE, 2002), das corporeidades trans e travestis ao corpos sem órgãos já trabalhado em capítulos anteriores, das arquiteturas corporais que compõem as arquiteturas dos espaços da cidade (Paul B. PRECIADO, 2010).

Com todas essas vistas do corpos problematizadas, os assuntos que mais reverberaram foram as (des)políticas bolsonaristas e o período da pandemia de Covid-19 com toda uma mudança abrupta nos corpos que passaram (e que ainda estão passando) por ela. O corpos que não aguenta mais tomou-se o nosso próprio corpos, corpos povo, corpos brasileiro, corpos adoecido, corpos amedrontado, corpos exilado, corpos maltratado, corpos alvo de diversos tipos de preconceitos, corpos artista desamparado, corpos trans assassinado, como estudante e pesquisador desacreditado, corpos físico sobrecarregado. Corpos que existe, resiste, afeta e é afetado, que demanda cuidados, que necessita das afecções para se compor e movimentar forças a cada encontro que efêua. Saimos das aulas com a tarefa de sentir, entender, ouvir, olhar com mais atenção para nossos próprios corpos, suas linguagens e afecções, deixar que falem conosco, que se exercitem para desorganizar seus próprios limites organizacionais, para que



LEGENDA: Rabiscos pessoais, projeção de obras e poéticas.

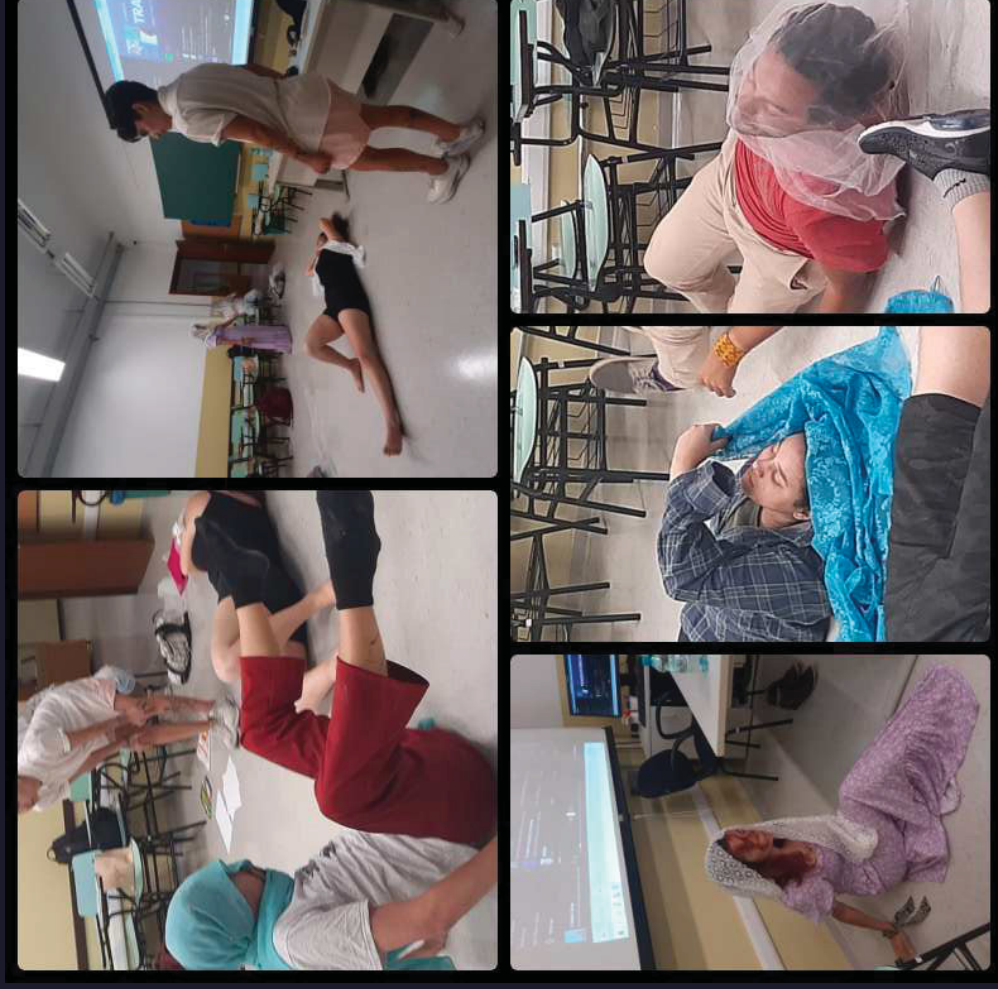
orelhas rombóides destacadas da pele
de um lado a outro
atravessam a cabeça esvaziada

mas ouvidos toróides não processam informações
engolem e reurgitam
fazem passar palavras que não penetram os poros
que não transsam sinapses
que não transformam a matéria

estejam abertos aos fluxos de vida que os perpassam.

Era necessário também que corpos trans falassem de suas experiências, dos acontecimentos que lhes compunham a existência, das inquietações que levaram ao atual momento de suas vidas, “aonde estavam” com esse ‘a’ de prefixo mesmo, indicando a incerteza do movimento no lugar da estabilidade certa do território ocupado pelo ‘onde’. Dessa forma, convidamos algumas pessoas para compor as oficinas que chamamos de *Transvivências em Conversações*. A primeira pessoa educadora, Misa Lima (RS), pessoa não-binária, acadêmico, colega do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFRP na linha de pesquisa Diversidade, Diferença e Desigualdade Social na Educação, trouxe a problematização sobre os não lugares epistemológicos da não-binariedade. A segunda pessoa que veio colaborar com a proposta foi Lui Martins (PR), produtor cultural, multiartista, pessoa transmasculina, nos inquietou com suas “Quimeras: autocoreografias em um corpo de gênero rasurado”, que são seus processos autocoreográficos desenvolvidos no trabalho de conclusão de curso (TCC) de sua graduação e orientados pela Princesa Ricardo Marinelli. Por fim, apresentei provocações acerca do corpos glitch, pesquisa que desenvolvo desde a graduação sobre as potências da estética do erro através de práticas de afecções e ruídos que exploram a relação entre corpos e espaço em movimento.

Por ali começo experimento, através das atividades propostas, o que já vinha experimentando artisticamente: linhas de um corpos em torção, modos e procedimentos arte educadores capazes de movimentar as estruturas que compõem nossos corpos, sentidos e percepções de mundo. Experimentamos, aliadas com Deleuze e Guattari (1996), um abrir de trajetos, caminhos, frestas, linhas por onde possa um corpo, quem sabe, se apresentar momentaneamente e se expandir. Ao corpo nunca se chega é um processo aberto e dinâmico de busca ética de correlacionar o corpo com a vida, num diálogo permanente e complementar entre a experiência e o pensamento que a elabora. O que nos exige um exercício de desconstrução e reconstrução permanente, desestruturação do que é molar, está solidificado, de dar abertura para o desconhecido, de



LEGENDA: fotografias da Transvivência em Conversações 2 - Quimeras: autocoreografias em um corpo de gênero rasurado, com Lui Martins (PR), dez. 2022.

perseguir as linhas de fuga, a permissividade do afeto, brechas, rachaduras nos muros que nos impõe as normativas socioculturais, especialmente as que se voltam a categorizar os gêneros e as sexualidades. Investigamos planos infinitamente intensivos de afetos, durações, extensões, sensações e provocações a cada troca dos encontros.

Em cada encontro a composição entre corpos, singularidades e diferenças operava um conjunto de forças, de potências, de afetos que fui entendendo coincidir “com a ordem das relações. Se considerarmos o conjunto infinito dos encontros na duração infinita do universo, cada encontro traz consigo uma composição de relações, e todas as relações se compõem com todos os encontros” (DELEUZE, 2017, p. 264).

Pondero, por fim, que neste experimento de docência pude perceber na prática que é possível um processo educacional afetivo, fluido e não-linear, uma educação corporificada que se alinha com os ritmos internos da pele, dos poros, dos órgãos, das sinapses. É possível um processo educacional travestilizado, não-binarizado, um processo que cria para si um cso que desinveste o corpos educacional das estruturas que o limitam e o tornam pouco interessantes. Que é no aparente caos que o corpos aprende e apreende o mundo, no exercício das conexões que, aos poucos, o compõem. Mas o termo caos só existe na sua habitual conotação negativa porque uma linearidade cartesiana molar, e que se fez norma, assim o denominou.

LEGENDA: corpos endausurado que surge na Transvivência em Conversações 3 - práticas de afecções e ruídos: corpos e espaço em movimento com Vilhen (MA).



LEGENDA: corpos em equilíbrio precário que surge na Transvivência em Conversações 3 - práticas de afecções e ruídos: corpos e espaço em movimento com Vilhen (MA)





LEGENDA: Produções visuais resultantes da Transvivência em Conversações I com Misa Lima e Vihên, dez. 2022.

CAMINHOS INCONCLUSIVOS: fragmentos de órgãos

Os fragmentos de capítulos que aqui se desenharam trouxeram tensionamentos de um corpos que se fragmenta em práticas artísticas, filosóficas e acadêmicas de uma existência trans não-binária em processo de criar para si um cso. Um corpos em vias de expansão que se envolve com o fora da binariedade dos gêneros que o querem enquadrar. Um corpos que encontra potência de vida no fluxo transitante, no entre-lugar, nas brechas dos conceitos e práticas cisheterocentradas que não o querem ocupando os espaços de poder e assumindo suas capacidades enquanto translesbicas epistemológicas.

É por esse entendimento que os caminhos desta autocorpografiaimagética apontam, desde o início da escrita, as complexidades de uma pesquisa que se pretende aberta e dinâmica. Assim, seria incongruente chegar ao seu final apontando resultados probabilísticos fechados, que encerram o processo de forma abrupta. Ao contrário, esta pesquisa não se encerra, permanece até aqui o que pretende desde o começo: um processo. Ao invés de buscar conclusões fechadas e definitivas, podemos encontrar valor na própria busca, no processo de investigação e na troca de ideias que ela promove. Mais que isso, podemos propor um entrelaçamento de potencialidades que se cruzam, descruzam, montam, agrupam, abrem brechas e desenham linhas de fuga entre os acontecimentos, em sua maioria ocorridos no recorte temporal do mestrado em Educação no PPGE-UFPR.

Trais processos visaram trabalhar conceitual e imageticamente as afecções que um corpos trans não-binário e translesbica (e o enfoque dado parte do próprio corpos da pessoa pesquisadora em fluxos e afecções) agencia no mundo que o cerca. Assim, os conceitos trabalhados transitaram entre teorias cuir, práticas que levassem a um corpo sem órgãos (cso), processos de criação artística, bem como entendimentos relacionais entre arte, vida, sociedade, cultura, transfeminismos, política e educação. As interseções entre esses temas nos desafiam a repensar nossas preconcepções e nos convidaram a abraçar a fluidez e a multiplicidade que permeiam as experiências humanas, evidenciando que estamos diante de um campo de estudo vasto e em constante mutação.

É importante reconhecer que, nas ciências humanas, as respostas definitivas são tão escassas quanto as próprias questões que investigamos. A cada passo dado nesta jornada nos deparamos com novas perspectivas, novos questionamentos e novas possibilidades. A rigidez das conclusões parece cada vez mais distante diante da riqueza e da diversidade de vozes que

contribuem para esse diálogo esquivo e em constante expansão.

Propomos a autocorpografiaimagética como um procedimento, para não cartesianizar com a palavra metodologia, que envolve a investigação por aproximações conceituais e visuais do corpos próprio como meio de expressão de singularidades coletivizadas. Nesse contexto, a autocorpografiaimagética busca utilizar a imagem do corpo, literal ou não, como uma forma de autonarrativa, permitindo a expressão de experiências pessoais, transgressões e resistências. Essa abordagem combina elementos de uma corporeidade e suas visualidades para promover reflexões profundas sobre a identidade, as relações de poder e as possibilidades de transformação pela aproximação da prática do cso.

Diversas composições visuais se tramaram nesse percurso em busca de um cu-ir^{co}. Muitas aparecem como linhas deste processo de produção/criação, dialogando com os conceitos e práticas apontadas como centrais para esta pesquisa e tensionando também outros caminhos que os escapam na condição de linhas de fuga. Diversas outras ficaram de fora da escrita desta autocorpografiaimagética por seus agenciamentos abrirem demasiadamente o campo para diálogos que esta pesquisa não daria conta no curto período de um mestrado.

O que se deu por aqui foi a tentativa de um processo aberto, de um experimento prático, conceitual e imagético que partiu das experimentações cotidianas do meu corpos translesbica, não-binário nas afecções que o atravessaram em sua produção de si em multiplicidades esquivo e criando para si um corpo cuir sem órgãos (cu-ir^{co}). Nessas interrelações o corpos artista posto a trabalhar faz clínica do mundo, tece diagnósticos que apontam adocementos que produzimos social, cultural e politicamente que se revelam por sintomatologias como rascismo, transfobia, homofobia, lesbofobia, misoginia, machismo, gordofobia, capacitismo etc., sem querer dar conta de falar de todos os sintomas dos preconceitos e intolerâncias estruturais mencionados.

um novo mistério se abre

Para (a)onde vão essas imagens produzidas? E as que ficaram pelos caminhos e não entraram nessa pesquisa? Por quais caminhos ainda trilharão? Que desdobramentos podem seguir? Quais os fluxos as atravessarão e serão mote desejante que se produzirá em outras possibilidades? Nada disso é possível delimitar categoricamente antecipando os resultados. Não

são eles que encaminham estas produções visuais, mas as circunstâncias, os acontecimentos e as afecções que se dão no aqui e agora, escuta ativa do momento presente.

Fica o exercício proprioceptivo para você que chegou até os finais deste *cu-ii^{so}*: Em que estes devaneios te afetaram? Que outros fluxos te atravessam no momento desta leitura? De que forma você transcriaria essas imagens pensado nos seus próprios atravessamentos? Por que caminhos você trilharia? Consegue notar alguma alteração na percepção de sua própria corporeidade após esta leitura? Que estados de presença são produzidos em você e por você na paisagem que te cerca?

Não há começo que amarre

nem fim que emudeça

Não há pontos fixos

Na trama movente das torções

Chego a lugar algum

quando é a nenhum que desejava.

O vazio da experiência panteísta:

Estar em tudo e em nada

Sunyata

Ginnungagap

Não há gêneros que me comportem

Nem sexualidades que me pertençam

Há fluxos de um corpos

em multiplicidade,

um corpos.

Há metamorfoses,

traços que compõem

E linhas que se afugentam

Há finas paredes

que com um pequeno ímpeto

se atravessa.

Há também muralhas de pedras maciças

solidificações vitais

Há espaços e seus foras

Rotas não convencionais

Por onde não circulam mercadorias

mas, intensidades.

Se um circuito se fecha,

Logo se racha, parte e espirala

Retorna ao começo do que ainda não foi

para repetir-se diferentemente do que poderia ser

Não há possibilidade de finitude

na concretude do infinito.

Acontecer, Acontecido, Acontecendo

sempre em por vir.

Há relações mais que humanas

entre alegrias que aproximam da potência

e tristezas que nos querem soterrar.

Há labuta.

Há luta.

Há frestas

Lascas

Cacos

Brechas

Tudo há

Para que outras corporeidades as continuem

Assim como dou continuidade a outras que me precedem.

Percepção ativa.

Escuta de si.

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. **Para acabar com o juízo de Deus**. Belo Horizonte, MG: Moínhos, 2020. 1 ebook kindle, 1250 KB.
- ARTAUD, Antonin. **Pour en finir avec le jugement de dieu**. 1947. Disponível em: <<https://www.bing.com/videos/search?q=pourt+en+finir+avec+le+jugement+de+dieu&view=detail&mid=92EBF4F30971A703652E92EBF4F30971A703652E&FORM=VIRE>> Acesso em: 11/09/2023.
- BAREMBLITT, Gregório. Dez proposições descartáveis acerca do esquizodrama. 2013. Disponível em: <<https://igbbh.com.br/dez-proposicoes-descartaveis-acerca-do-esquizodrama-2/>> Acesso em: 18.03.2024.
- BENTO, Cida. O Pacto de Branquitude. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2022
- BLANCA, Rosa Maria. Arte a partir de uma perspectiva queer/ Arte desde lo queer. 2011. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- BORGES, Bárbara; GOMES, Francinai. Saber de mim: autoconhecimento em eserevivências negras. São Paulo: Edições 70, 2023.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- CUNHA, Claudia Madruga. **Cartografia**: insurgências metodológicas e outras estéticas da pesquisa. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platós**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platós**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platós**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 2012b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- D'OLNE CAMPOS, Marcio. **A arte de suleat-se**. 1991. Disponível em: <<https://suleat.com.br/beta3/wp-content/uploads/2017/03/CAMPOS-M-D-A-Arte-de-Suleat-1-1991A.pdf>>. Acesso em: 11/09/2023.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso dado no Collège de France (1974-1975). São Paulo, Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GOMES DE OLIVEIRA, Megg Rayara. **Nem ao centro, nem à margem!** Corpos que escapam às normas de raça e de gênero. Salvador, BA: Editora Devires, 2020.

GREINER, Christine. O corpo: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablumme, 2005.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LAPOUIADE, David. O corpo que não aguenta mais. In: Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo. LINS, Daniel; GADELHA, Sílvio (org.). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LUSTOSA, Tertuliana M.. Educando com o cu: Introdução às pedagogias do corpo e do prazer. Revista Periódicus, 2(19), 2023. p. 180–192.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MAZZITELLO, Pantalea. Il bacio spudorato: Breve storia dell'Osculum Infame. 2013. Disponível em: <https://griseldaonline.unibo.it/article/view/9211/9090> Acesso em: 05/02/2024).

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOMBACA, Jota. Pode um cu mestiço falar?. 2015. Disponível em: <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>> Acesso em: 18.03.2024

MORRISON, Toni. **A origem dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 1 ebook kindle, 1297 KB.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. Transfeminismo. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NIETZSCHE, F. **A vontade de poder**. Tradução de Paulo César de Souza. Rio: Contraponto,

2008.

ODARA, Thiffany. Pedagogia da desobediência: travestilizando a educação. Salvador-BA: Editora Devires, 2020.

OYĖWŪMÍ, Oyérónké. **What gender is motherhood?** : changing Yorùbá ideas on power, procreation, and identity in the age of modernity. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PRECIADO, Paul B. **Texto yonqui** (Argumentos nº 542) (Spanish Edition). Barcelona: Editorial Anagrama, 2020. 1 ebook kindle, 2271 KB.

PRECIADO, Paul B. Pornotopia: arquitectura y sexualidad en “Playboy” durante la guerra fría. Barcelona: Editorial Anagrama, 2010.

PRECIADO, Paul Beatriz. Manifesto Contrasssexual: Práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RANGEL, Tátia. **Corpo sem órgãos**: experimentações em devir. Rio de Janeiro, 7 letras, 2020.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

RUFINO, Luiz. Vence-demanda: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SAÉZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu**: políticas anais. Salvador, BA: Devires, 2022.

VIDARTE, Paco. **Éfrica bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. São Paulo: n-1 edições, 2020. 1 ebook kindle, 9207 KB.